



Conhecimento tradicional sobre plantas medicinais e intermedicalidade em ambientes urbanos: estudo de caso em uma comunidade popular do sul do Brasil

Traditional knowledge in medicinal plants and intermedicality in urban environments: a case study in a popular community in southern Brazil

Alana Casagrande, Mara Rejane Ritter e Rumi Regina Kubo

Correspondence

Alana Casagrande^{1*}, Mara Rejane Ritter² e Rumi Regina Kubo³

¹Departamento de Educação Científica e Tecnológica - Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Av. Madre Benvenuta, 2007, 88035-001, Florianópolis, Brasil.

²Departamento de Botânica, Programa de Pós-Graduação em Botânica (PPGBOT) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). A. Bento Gonçalves, 9500, CEP 90650-001, Porto Alegre, Brasil.

³Departamento de Economia e Relações Internacionais (DERI), Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural (PGDR) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Av. João Pessoa, 31, CEP: 90040-000, Porto Alegre, Brasil.

*Corresponding Author: bioalana@yahoo.com.br

Ethnobotany Research and Applications 25:57 (2023) - <http://dx.doi.org/10.32859/era.25.57.1-39>

Manuscript received: 03/05/2023-Revised manuscript received: 04/05/2023-Published: 12/05/2023

Repatriation of Ethnobotanical Studies

Casagrande, A., Ritter, M. R., Kubo, R. R. (2023). Traditional knowledge in medicinal plants and intermedicality in urban environments: a case study in a popular community in southern Brazil. *Ethnobotany Research and Applications*, 25, 1–34. Retrieved from <https://ethnobotanyjournal.org/index.php/era/article/view/4397>

Resumo

Introdução: Estudos etnobotânicos vêm demonstrando a habilidade de diferentes grupos sociais em manter e diversificar conhecimentos sobre plantas em ambientes urbanos. Este estudo caracteriza o conhecimento tradicional sobre plantas medicinais da comunidade do Morro da Cruz, na metrópole de Porto Alegre, Brasil.

Métodos: Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 28 pessoas, sendo quatro terapeutas tradicionais. Foram coletados dados referentes aos usos e formas de obtenção das plantas e à origem dos entrevistados e de seu conhecimento, e foi calculado o valor de importância relativa das espécies citadas. Relações entre conhecimentos médicos tradicionais e científicos (intermedialidade) foram caracterizadas e discutidas.

Resultados: Foram identificadas 237 espécies, a maioria nativa do Brasil. A família com maior número de representantes foi Asteraceae (38), seguida de Lamiaceae (17). Espécies nativas e de uso ritualístico apresentaram altos valores de importância relativa. A principal forma de aprendizado constatada foi a vertical, sendo as mães e avós as principais responsáveis pelos ensinamentos. Conhecimentos tradicionais são influenciados por conhecimentos médicos científicos. A coleta constitui a principal forma de obtenção das plantas. O maior número de indicações de uso das ervas refere-se ao sistema digestório, seguido do respiratório.

Conclusões: O elevado número de espécies e o significativo repertório de conhecimentos reflete a diversidade sociocultural e ambiental local e o importante papel das mulheres e dos/as terapeutas na produção e transmissão desses conhecimentos. Aprofundar estudos etnobotânico junto a esses atores constitui um caminho para a promoção e valorização das medicinais tradicionais nas cidades.

Palavras-chave: etnobotânica urbana; etnomedicina, espécies nativas, uso ritualístico, urbanização

Abstract

Background: Ethnobotanical studies have demonstrated the ability of different social groups to maintain and diversify plant knowledge in urban environments. This study characterizes the traditional knowledge about medicinal plants in a popular community in Porto Alegre metropolitan city, Brazil.

Methods: Semi-structured interviews were carried out with 28 people, four of whom were healers. Data were collected regarding the uses, ways of obtaining the plants, the origin of the interviewees and their knowledge. The mentioned species value of relative importance was calculated. Relationships between traditional and scientific medical knowledge (intermediality) were characterized and discussed.

Results: The study identified a total of 237 plant species, most of them native to Brazil. The family with the highest number of representatives was Asteraceae (38), followed by Lamiaceae (17). Native and ritualistic species showed high values of relative importance. The main form of learning found was vertical, with mothers and grandmothers being the main ones responsible for teaching. Traditional knowledge is influenced by scientific medical care practices and the most significant use of herbs refers to the digestive system, followed by the respiratory system. The collection is the leading way of obtaining the plants.

Conclusions: The high number of species used, and the substantial knowledge repertoire, reflect the local sociocultural and environmental diversity and the vital role of women and healers in producing and transmitting this knowledge. Deepening ethnobotanical studies with healers and women is a way of enhancing traditional medicines in urban environments.

Keywords: urban ethnobotany, ethnomedicine, native species, ritualistic use, urbanization

Introdução

A etnobotânica em ambientes urbanos constitui uma agenda de pesquisa atual e atenta às intensas transformações ecológicas e sociais precipitadas a partir da década de 1950 com a modernização da agricultura e a simultânea urbanização de países periféricos do sul global. A migração de grandes contingentes da população rural para as cidades, enquanto fenômeno inerente à urbanização, resultou na reunião de uma miríade de espécies vegetais e animais, bem como os conhecimentos tradicionais associados, nos ambientes que se urbanizavam. As novas relações entre pessoas e plantas favorecidas pelo espaço urbano chamaram a atenção dos/as pesquisadores/as,

lançando outros olhares para as dinâmicas de (re)produção dos conhecimentos tradicionais associados à biodiversidade (Almada 2011).

O fenômeno da urbanização esteve marcado por um ideal de modernidade para o qual a superação ou erradicação das "tradições" constitui uma condição necessária à produção e reprodução capitalista (Escobar 1999). Nesse contexto, a marginalização das medicinas consideradas "tradicionais", dos saberes etnobotânicos associados e de seus praticantes por parte dos Estados amplificou-se, afetando suas estratégias de reprodução em diferentes países da América do Sul e da África (Meneses 2005, Weber 1999, Xaba 2005). Apesar da perseguição e estigma social sofridos, as "medicinas tradicionais" continuaram existindo em distintos lugares do planeta, sendo legitimadas por seus praticantes e reconfiguradas em um contexto moderno e urbano (Loyola 1984, Meneses 2005).

Do ponto de vista acadêmico, a emergência da antropologia médica e o conseqüente reconhecimento das etnomedicinas evidenciou aspectos sociais e históricos da doença e dos tratamentos, favorecendo a compreensão sobre o papel das medicinas tradicionais, e da própria biomedicina, em contextos específicos. Desse modo, concepções equivocadas e essencializadas de medicinas tradicionais reduzidas a práticas mágicas e ritualísticas ultrapassadas ancoradas em crenças estáticas foram abandonadas. A ideia de pluralismo médico passa, então, a preconizar a integração de diferentes sistemas médicos, o que se dá mais em termos discursivos do que práticos (Greene 1998).

Um dos objetivos deste trabalho é caracterizar e analisar, a partir das práticas e percepções comunitárias, como se dá a relação entre diferentes saberes médicos. A abordagem da "intermedicalidade" (Greene 1998, Foller 2004) fornece uma chave analítica para discutir a dinamicidade e a vitalidade das medicinas tradicionais baseadas no uso de plantas em um contexto urbano. Considerando que as relações de dominação e poder capitalistas estabelecem a legitimidade de determinados saberes sobre outros, sem, contudo, reduzir o encontro/contato ao conflito entre saberes científicos e tradicionais, a intermedicalidade propõe evidenciar as estratégias e percepções dos coletivos quando estimulados a aderir ao discurso e prática biomédica hegemônica (Foller 2004). Considera, portanto, a agência consciente dos praticantes em um espaço contextualizado de medicinas híbridas (Greene 1998). Assim, é possível compreender o que acontece nestas "zonas de contato" em que diferentes tradições médicas se encontram contextualizando o uso de plantas nas dinâmicas culturais cambiantes.

Do ponto de vista dos conhecimentos etnobotânicos, estudos constataram a habilidade de diferentes grupos sociais em ressignificar ou mesmo ampliar uso de plantas alimentícias e/ou medicinais em áreas urbanas (Emperaire & Eloy 2008, Hurrell *et al.* 2015, Nguyen 2003, Vandebroek & Ballick 2012). Para Vandebroek e Ballick (2012), os resultados desses estudos contrapõem a ideia de que conhecimentos tradicionais estariam se "perdendo" de forma crescente e acelerada no meio urbano, uma narrativa bastante difundida nos ambientes acadêmicos. Frequentemente mobilizada como justificativa para investigações e registros desses saberes (Elisabetsky & Wannmacher 1993, Soejarto 1996), essa narrativa desfavorece a compreensão das dinâmicas contemporâneas de produção de saberes sobre a biodiversidade nas cidades. Embora possa alertar sobre processos violentos de degradação ambiental e de epistemicídio (Santos 2010), ela pode negligenciar a presença do saber tradicional e a importância das plantas na manutenção de práticas alimentares e medicinais autônomas em ambientes manejados sob influência da urbanização.

Reconhecendo a natureza recíproca e dinâmica das relações entre humanos e plantas (Alexiades 1996) e o papel das tradições na adaptação a novos cenários (Carneiro da Cunha 2009, Emperaire 2001), este estudo caracteriza e analisa o conhecimento tradicional sobre plantas medicinais no contexto das migrações e dos encontros interculturais associados ao avanço da urbanização e da medicina moderna na comunidade do Morro da Cruz, situada em Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul. Inspirado nas ideias de Posey (1987) o estudo etnobotânico busca estabelecer pontes de compreensão e diálogo entre diferentes saberes botânicos e médicos, considerando o registro da diversidade de espécies e seus usos segundo valores e categorias tradicionais e científicas de produção e organização do conhecimento.

Material e Métodos

Local do estudo: Morro da Cruz

Inserido em uma metrópole brasileira, o território e a comunidade do Morro da Cruz constituíram-se no bojo do êxodo rural precipitado pela modernização da agricultura e de uma política higienista e segregacionista que expulsou famílias menos favorecidas economicamente das regiões centrais de Porto Alegre a partir da década de 1950 (Camp 1993, Jorge 1973, Meneghetti 1952). Nesse contexto, famílias agricultoras, negras e indígenas

passaram a habitar as encostas e topos do Morro da Cruz. Em poucas décadas, a região tornou-se densamente povoada sem que a população dispusesse de equipamentos públicos e de infraestrutura urbana básica.

A trajetória da comunidade é comum a de outras originadas nas periferias de médias e grandes cidades do sul global que historicamente e cotidianamente enfrentam os estigmas da pobreza e da violência produzidos pelo "espaço central" e "moderno" das cidades (Fonseca 2004). As graves consequências geradas por políticas segregacionistas ao longo da história da cidade de Porto Alegre são evidenciadas pelos dados estatísticos disponíveis sobre as vulneráveis condições socioeconômicas, educacionais e ambientais do bairro São José (ObservaPoa 2021), bem como, pela presença do tráfico de drogas e do crime organizado.

O Morro da Cruz constitui uma localidade pertencente ao bairro São José (30°04'40"S 51°09'40"W) e abrange um mosaico de áreas construídas, campos, matas, espaços cultivados, pastagens e áreas de exploração mineral. Contíguo ao Morro, situa-se um dos maiores fragmentos de floresta nativa da cidade (Mato Flores da Cunha), além de áreas de campos nativos. A região, portanto, abrange diferentes ecossistemas característicos de área de transição entre os biomas Mata Atlântica e Pampa (Fig. 1).

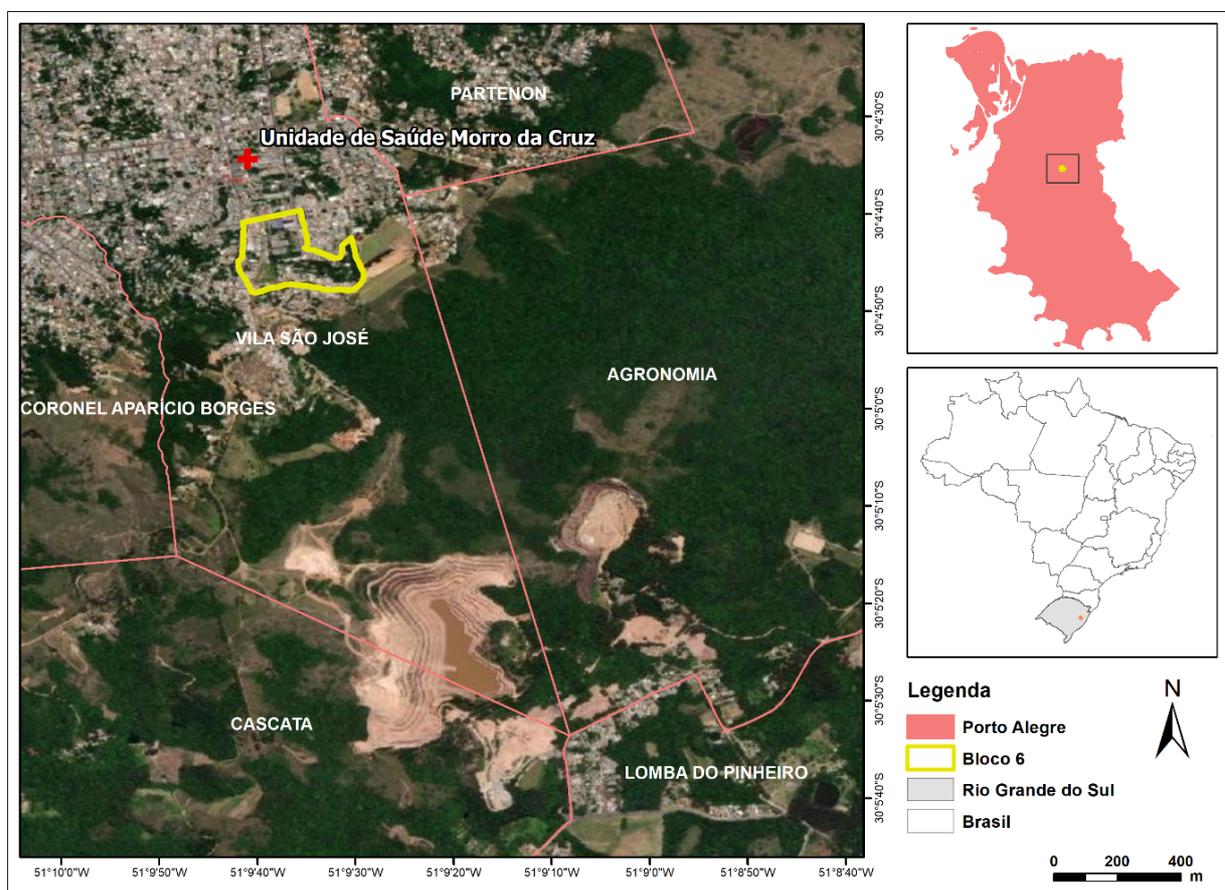


Figura 1. Localização da área de estudo em Porto Alegre: Bloco 6 e interface urbano rural no Morro da Cruz. As linhas em cor de rosa delimitam os bairros da cidade.

As atividades agropecuárias e o extrativismo vegetal estão presentes constituindo fonte de segurança alimentar e renda, além de contribuírem para a sustentação de um referencial do "interior" ou do "campo" que (re)elabora valores ligados à autonomia, à saúde e à tradição. Na comunidade existem erveiros (terapeutas tradicionais exímios conhecedores de plantas medicinais que coletam, cultivam e comercializam em bancas nas ruas ou feiras da cidade), benzedeiras, uma parteira tradicional, inúmeras casas e terreiros de manifestações de matriz africana - Umbanda, Nação (Batuque) e Quimbanda - igrejas católicas e evangélicas, além de outras pessoas e espaços que oferecem tratamentos para desordens físicas, emocionais e espirituais.

Coleta e Análise de Dados

A pesquisa etnobotânica foi conduzida junto a dois grupos distintos de interlocutores: um grupo constituído por quatro especialistas reconhecidos/as na comunidade por sua experiência com plantas medicinais e, outro grupo, constituído por representantes de 24 famílias atendidas pela Unidade Básica de Saúde 8 - UBS 8, atualmente denominada Unidade de Saúde Morro da Cruz, instituição parceira da pesquisa. Junto aos representantes desse último grupo, foi realizada uma única entrevista, enquanto que, junto aos especialistas e terapeutas tradicionais, a pesquisa de campo envolveu convívio contínuo de ao menos 2 anos.

Os representantes das 24 famílias pertenciam a uma área específica de atendimento da UBS 8, o bloco 6, o qual apresentava uma condição de vulnerabilidade social e ambiental (Fig.1). A pesquisa de campo nessa área buscou complementar o diagnóstico da vigilância em saúde realizado pela UBS 8 e subsidiar ações de promoção da saúde. As entrevistas seguiram um roteiro semiestruturado.

A pesquisa de campo mais aprofundada foi conduzida durante dois anos junto a quatro terapeutas tradicionais: uma parteira, dois erveiros, sendo um deles liderança espiritual (Pai-de-santo), e uma liderança comunitária. A pesquisa junto aos terapeutas tradicionais objetivou ampliar a compreensão referente ao papel das plantas nos tratamentos, às categorias locais de classificação das ervas e às relações entre conhecimentos tradicionais e biomédicos no contexto de avanço da urbanização.

A convivência em suas casas, junto as atividades de preparo de receitas, cultivo, coleta, comercialização e atendimentos com plantas e orações, bem como sua participação em projetos de extensão universitária em parceria com Unidades Básicas da Saúde (UBS) locais (Casagrande *et al.* 2013), constituíram espaços de realização da pesquisa. Nesses momentos, foram feitas entrevistas semiestruturadas, caminhadas guiadas, observação participante e direta e entrevistas com perguntas abertas, sem estrutura ou controle, através da anotação de dados durante a conversa (Alexiades 1996), de forma a contribuir para uma maior liberdade de expressão das(os) interlocutoras (es) num exercício de escuta atenta às suas categorias e conceitos (Posey 1987).

Usos de plantas medicinais, nomes populares, formas de preparo de receitas e de obtenção das ervas, percepções e categorizações de plantas e doenças e relação com tratamentos biomédicos foram investigados junto aos especialistas e residentes. A pesquisa também considerou aspectos como gênero, idade e forma de transmissão do conhecimento (vertical, horizontal ou oblíqua) (Cavalli-Sforza *et al.* 1982), opção religiosa e tempo de residência na comunidade. Os registros da pesquisa foram feitos através de fotografias, gravações de áudio, diários de campo e anotações.

Um herbário com exsiccatas de 72 plantas medicinais coletadas no Morro da Cruz e produzido sob orientação das/os terapeutas tradicionais foi utilizado como material de apoio para as entrevistas. As espécies citadas foram identificadas em campo ou coletadas para posterior identificação botânica com auxílio de especialistas ou chaves de identificação botânica. Como as espécies citadas são comuns e as amostras nem sempre estavam férteis, não ocorreu a deposição das exsiccatas no herbário da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O sistema de classificação utilizado para as famílias de Angiospermas foi o da APG IV (2016). Os nomes válidos das espécies e das respectivas famílias botânicas foram confirmados nas bases de dados The Tropicos (2021), WFO (2021) e Flora e Funga do Brasil (2021). As plantas foram categorizadas de acordo com sua origem botânica em nativas, naturalizadas, cultivadas e exóticas utilizando-se a Flora e Funga do Brasil (2021). Categorias do conhecimento tradicional relacionadas ao uso e ocorrência das espécies também foram consideradas.

As informações etnobotânicas coletadas junto aos interlocutores do bloco 6 foram utilizadas para calcular o valor de importância relativa das plantas. Trata-se de um índice que avalia o número de informantes que as citaram e a concordância dos usos citados. Foram calculados conforme metodologia adaptada por Amorozo e Gely (1988) gerando um índice de fidelidade expresso por: $CUP = (ICUP/ICUE) \times 100$, no qual: ICUP = número de informantes citando o uso principal da espécie e ICUE = número total de informantes citando uso da espécie.

Foi calculado um fator de correção (FC) para cada espécie, correspondente ao número de informantes que mencionou cada espécie (ICUE), dividido pelo número de informantes que mencionou a espécie mais citada (ICEMC), permitindo a extração de valores de importância relativos à espécie mais citada pelos informantes (CUPc): $FC = ICUE/ICEMC$ e $CUPc = CUP \times FC$. Esses dados estatísticos foram discutidos de acordo com informações qualitativas sobre as espécies de maior valor de importância relativa.

Resultados e Discussão

Perfil das/os entrevistadas/os

Quanto à procedência, a maioria das/os entrevistados tem origem no meio rural do estado do Rio Grande do Sul (57%) (Fig.2), dado que concorda com outros estudos etnobotânicos realizados em Porto Alegre (Piccinini 2008, Vendruscolo 2004).

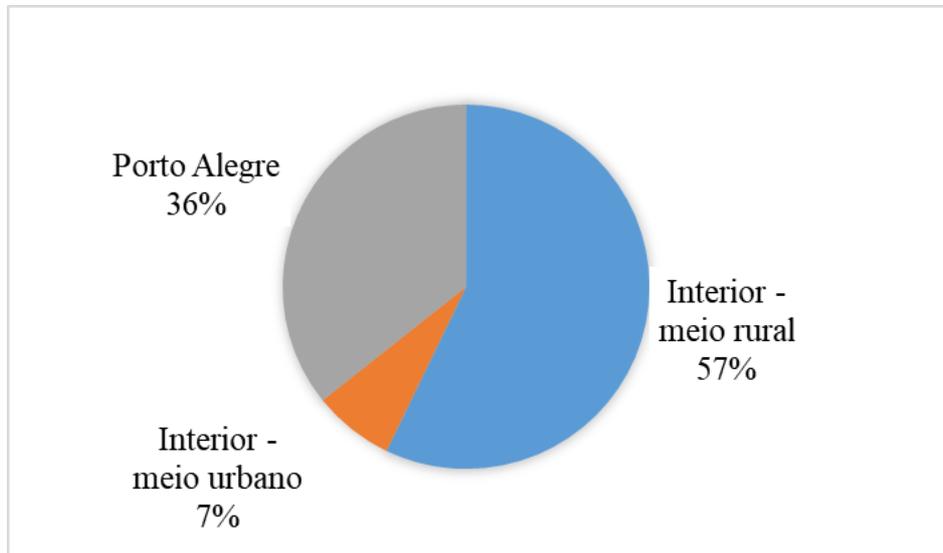


Figura 2. Origem das/os entrevistadas/os

O tempo de residência no Morro da Cruz variou entre quatro e 68 anos, sendo que no momento da pesquisa 57% dos interlocutores viviam na comunidade há mais de 20 anos (Fig.3). A idade média das/os entrevistadas/os foi de 47 anos.

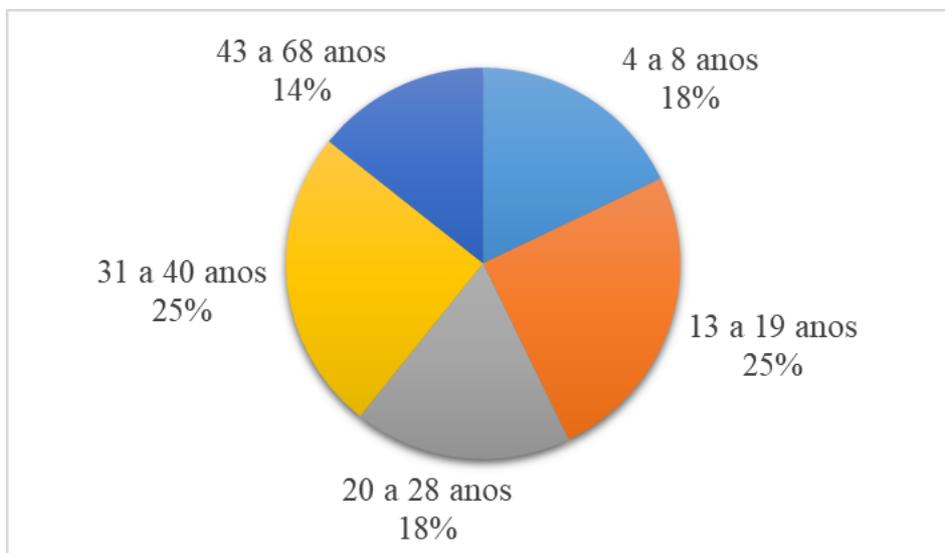


Figura 3: Tempo de residência no Morro da Cruz

Dentre as 28 pessoas entrevistadas, incluindo as/os especialistas, 23 eram mulheres. Estudos etnobotânicos sobre plantas medicinais desenvolvidos em áreas afetadas pela urbanização contaram majoritariamente com a participação das mulheres nas entrevistas, chegando a 90% em algumas comunidades estudadas (Ávila *et al.* 2015, Piccinini 2008, Vendruscolo 2004). Além desses estudos, Leal (1992), Marques *et al.* (2015) e Da Silva e Zank (2022) chamam a atenção para o protagonismo das mulheres na promoção da saúde nos âmbitos familiar e comunitário, o que também pôde ser observado no Morro da Cruz. Estudos comparativos entre os conhecimentos botânicos locais de mulheres e homens de uma mesma comunidade podem fornecer pistas sobre como se constitui esse protagonismo e sobre o papel do gênero na estruturação de padrões de transmissão desses saberes. Da Costa *et*

al. (2021), por exemplo, concluíram que mulheres conhecem um número maior de espécies vegetais e compartilham mais conhecimentos sobre o uso de plantas dos que os homens.

A opção religiosa mais citada foi a Católica seguida da Evangélica e da Umbanda. Algumas pessoas relataram não seguir nenhuma religião, bem como, ter experimentado diferentes credos religiosos ao longo da vida. Em relação aos especialistas, todas e todos eram praticantes de alguma das religiões citadas, tendo pertencido também a outras religiões. As experiências e vínculos religiosos da parteira e de um dos erveiros estavam intimamente relacionadas às suas práticas de atendimento em medicina tradicional.

Origem do conhecimento etnobotânico

Em relação à origem do conhecimento sobre plantas, 61% dos/as entrevistados/as fez referência à contribuição da mãe, 25% referenciaram a avó e 18% outras parentes mulheres (tia, irmã, sogra e cunhada), o que reforça a importância feminina na produção desses saberes. Demais parentes como o pai (18%), especialistas locais e erveiros (18%) e avô (7%) também foram mencionados. Além da esfera doméstica, o conhecimento também é trocado entre amigos e pessoas da mesma comunidade religiosa, vizinhança e lugar de trabalho. Pode ser observado, portanto, que a transmissão de conhecimento do tipo vertical (entre pais e filhos/as) foi a mais representativa. Entretanto, a transmissão entre pessoas não aparentadas de diferentes gerações (tipo oblíquo) e entre pessoas da mesma geração (tipo horizontal) também ocorrem. Rádio, televisão e literatura de divulgação científica foram citadas como fontes de aprendizado sobre plantas medicinais.

Um dos erveiros reconhece sua avó paterna indígena e seu pai como referências principais em seu aprendizado sobre plantas medicinais. De seu pai, herdou o ofício, receitando e comercializando chás para pessoas conhecidas e, posteriormente, em uma banca de comércio de rua na região central de Porto Alegre. Durante o trabalho de campo identificou-se a atuação de outros quatro erveiros que realizavam a comercialização e forneciam atendimento médico e/ou espiritual com o uso de plantas cultivadas e/ou coletadas nas matas e campos da região metropolitana de Porto Alegre. Um deles, foi aprendiz de um dos interlocutores do estudo. Nesse caso, observou-se a constituição de um ofício masculino, o erveiro, com transmissão do conhecimento do tipo vertical ou oblíquo.

Assim como um dos erveiros, a liderança comunitária também é filha de um especialista em plantas medicinais, um "homeopata popular" que prestava atendimentos no interior do Rio Grande do Sul. Além dos conhecimentos, herdou a prática de ajudar o povo com a medicina caseira:

"...o que eu aprendi eu aprendi com o meu pai. Nas folgas dele ou quando ele vinha da roça ele trazia o remédio e fazia o remédio homeopático dele em casa. Era a sabedoria que ele disse que Deus deu pra ele. Era de graça. O que se ganha de graça, se doa de graça. Ele nunca cobrou nada dos pacientes dele"

A parteira, uma mulher negra oriunda de uma comunidade rural, também reconhece no dom divino a origem de seus saberes sobre ervas e sua vocação para terapeuta, aprimorados pela prática cotidiana:

"foi um dom que Deus me deu [...] com 5 anos eu já fazia remédio e já curava adulto e criança com chá. A mãe não sabia muita coisa, até a mãe ficava admirada, o finado meu pai ficava admirado, como é que com 5 anos eu sabia tanta coisa. Eu fazia remédio, eu benzia, desde pequena. Fui aprendendo fazendo..."

Estudos realizados junto à terapeutas populares relatam que o despertar para este dom, ou o aprendizado, também ocorreu ou iniciou na infância (Attuch 2006, Da Silva & Zank 2022, Loyola 1984, Quintana 1998). Ao longo de sua vida, a parteira desenvolveu sua mediunidade, o ofício de parteira e de liderança espiritual junto às diversas religiões que praticou ao longo de sua trajetória de vida, mas também acessou o conhecimento obstétrico científico quando realizou um curso de parteira ministrado por uma enfermeira. Embora tivesse investido recursos e tempo na sua formação como parteira, na maioria das vezes, prestava o atendimento de forma gratuita.

Em relação às condições para a transmissão dos conhecimentos em medicina tradicional, os/as especialistas demonstraram preocupação uma vez que poucos jovens se interessam em aprender sobre plantas medicinais. Segundo os/as interlocutores/as, os fatores que afetam negativamente esse aprendizado relacionam-se com a imposição de ideal de modernidade expresso pelo avanço da urbanização sobre áreas naturais e pela perseguição e apagamento do papel dos terapeutas tradicionais, seja pela afirmação da biomedicina como única prática de cuidado legítima ou pela política higienista de ocupação urbana que excluiu os erveiros e suas bancas de

comercialização do espaço central da cidade, fato que pode ser observado ao longo do desenvolvimento desta pesquisa.

Plantas medicinais e os tratamentos tradicionais e biomédicos: intermedialidade e conflito

Todos/as entrevistadas/os afirmaram preferir utilizar plantas medicinais antes de buscar atendimento médico convencional, especialmente quando os sintomas são leves. Apreço à tradição familiar, autonomia sobre o cuidado e efeitos colaterais e custos baixos ou inexistentes são fatores que justificaram a preferência pelos tratamentos com plantas. Da mesma forma, todos/as os/as participantes da pesquisa demonstraram interesse em aprender mais sobre plantas medicinais e expressaram opinião positiva sobre a incorporação da fitoterapia como prática integrativa e complementar no Sistema Único de Saúde - SUS.

A preferência pelo atendimento primário com uso de plantas medicinais não exclui a procura pelos tratamentos biomédicos. Em se tratando de resolução de problemas de saúde, é comum que os comunitários adotem diferentes estratégias e recursos. Um exemplo é o fato de que sessenta e dois por cento (62,5%) dos/as entrevistados/as afirmou fazer uso concomitante de plantas medicinais e drogas sintéticas para o tratamento de gripes, resfriados, infecções, úlceras, dores, colesterol e pressão alta e diabetes. A coexistência e o uso combinado de plantas medicinais e medicamentos sintéticos é discutida em pesquisas realizadas junto a diferentes comunidades, grupos étnicos e lugares do Brasil (Amorozo 2004, Soldati & Albuquerque 2011, Zank & Hanazaki 2017). Estes autores reconhecem as mesmas motivações e fatores que explicam a procura e a apropriação dos tratamentos biomédicos neste estudo. Dentre estes, são principais a ampliação da oferta e o desenvolvimento de tratamentos para doenças identificadas pela biomedicina, como a pressão alta e diabetes, as quais refletem mudanças nos hábitos de vida.

Além do acompanhamento biomédico, dietas, jejuns, atividades físicas, rituais, benzimentos e orações constituem práticas de cuidado associadas aos tratamentos com plantas. A parteira reconhece possuir uma série de enfermidades, muitas de ordem espiritual, que exigem uma vigilância contínua através das orações, dos jejuns, do consumo de chás e medicamentos industrializados, além de uma dieta rigorosa que exclui alimentos "fortes" de cores vermelha e preta, condimentos, café, frituras, entre outros. Já o erveiro e Pai-de-santo trata seu colesterol e pressão alta mediante um acompanhamento médico periódico em que o diagnóstico dos exames laboratoriais orienta o seu consumo de chás e atividades físicas. Além disso, segundo eles, o elemento mediador e central dos tratamentos é a fé, expressa em um sentimento ou uma crença pessoal na cura amparados em práticas religiosas e espirituais. A centralidade da fé pressupõe uma cosmovisão local para a qual a boa saúde depende do cuidado integrado dos aspectos físicos, emocionais e espirituais do corpo. Dessa forma, a busca da cura através das plantas vai além do simples emprego de substâncias específicas para determinadas desordens, diferentemente da lógica que subjaz a concepção organicista biomédica da doença. A partir desta concepção, é que recursos e conhecimentos da biomedicina são mobilizados com o objetivo de cuidado da saúde e da manutenção das práticas em medicina tradicional.

Conhecimentos científicos e tradicionais circulam e interconectam-se a partir das experiências individuais e coletivas, originando apropriações específicas. O exemplo das drogas sintéticas que emprestam seus nomes à plantas destinadas aos mesmos sintomas e doenças é emblemático. Plantas batizadas de "**ampicilina**", "**penicilina**" (*Alternanthera brasiliana* (L.) Kuntze) e "**insulina**" (*Sphagneticola trilobata* (L.) Pruski) sinalizam essas apropriações. Na mesma linha, a parteira reconhece que o mundo vegetal se conecta ao mundo das pílulas sintéticas que contém substâncias vegetais em sua composição.

A compatibilização entre tratamentos biomédicos e tradicionais é uma estratégia utilizada pelos/as comunitários/as e pelos próprios especialistas. Além disso, os especialistas revelaram buscar no conhecimento científico o aprimoramento de suas práticas. A parteira fez um curso de formação em atendimento obstétrico com uma enfermeira e os erveiros estudavam sobre plantas consultando literatura científica. Por outro lado, a valorização das medicinas tradicionais não é priorizada pelos serviços de saúde pública.

Os exemplos de apropriações de conhecimentos e técnicas da biomedicina acima relatados constituem estratégias de resistência e afirmação das medicinas tradicionais, reforçando seu caráter dinâmico e inovador, como também identificado por Greene (1998), Foller (2004) e Soldati e Albuquerque (2011). Esse processo, contudo, costuma ser marcado por tensões e conflitos devido à desqualificação que o poder biomédico (Foller 2004) impõe aos sistemas médicos tradicionais.

O conflito entre as medicinas moderna e tradicional emergiu nas falas dos/as entrevistados, sobretudo nos relatos dos/as terapeutas especialistas que tiveram seus ofícios questionados em diferentes momentos de sua trajetória de vida. A parteira, por exemplo, deixou de oferecer seus serviços conforme o atendimento obstétrico do SUS foi ampliado. Durante o tempo em que sua prática tradicional coexistiu com a obstetrícia institucionalizada, os médicos dos postos de saúde especulavam seu trabalho, lhe fazendo visitas e perguntas. A relação estabelecida, entretanto, não teve intenção de reconhecer a legitimidade de seu ofício e evidenciou conflitos entre diferentes visões e práticas médicas. Ao se colocar como ajudante do bebê que está nascendo e destacar a importância de não causar dor e sofrimento à mãe, a parteira distingue sua prática:

“...aí eu perguntei assim pra ele: Doutor o que vocês fazem no hospital quando a criança coroa pra nascer e para, fica parada, nem pra frente, nem pra trás? [A gente corta a mulher]. E eu disse assim, quando a criança aponta a cabeça e para, digo, a gente tem que ajudar, a gente engraxa a mão, empurra a vagina da mulher pra trás e com essa mão aqui a gente puxa a criança pra frente, não precisa cortar. Já nasceu criança com 5 quilos e 100 gramas na minha mão e não deu um pique, nenhum corte...”

O encontro entre diferentes tradições médicas, intensificado pela urbanização, estimulou os/as comunitários/as a adotarem diferentes estratégias combinadas e complementares de cuidado à saúde, as quais envolvem os tratamentos da medicina moderna e tradicional, consulta aos terapeutas populares, a prática religiosa, cuidados com o corpo e alimentação, a automedicação, entre outras. Porém, no contexto desta pesquisa e dos projetos de extensão universitária desenvolvidos na comunidade, serviços públicos de saúde se mostraram pouco permeáveis e abertos ao diálogo com os especialistas e com os conhecimentos das medicinas tradicionais (Casagrande *et al.* 2013). Essa resistência por parte do sistema biomédico tende a eliminar as condições necessárias para a produção de determinados saberes, como aqueles vinculados ao ofício da parteira e dos erveiros.

Usos, categorizações e formas de obtenção de plantas medicinais

A pesquisa etnobotânica identificou 237 espécies de plantas medicinais (Tab. 1). Dentre essas, foram consideradas espécies para fins de proteção espiritual e com uso alimentar. Os entrevistados do bloco 6 citaram 157 espécies, enquanto que os/as especialistas relataram o uso de 215 espécies. Foram citadas exclusivamente pelos especialistas 80 espécies (sendo 44 nativas), enquanto que 22 plantas representaram conhecimento específico das/os moradoras/es do bloco 6. Entre os especialistas, a média do número de espécies citadas foi de 113,5, enquanto que para os moradores do bloco 6, a média do número de espécies citadas foi 34,25.

As plantas são obtidas de fontes variadas através do cultivo, da compra, da coleta em ambientes naturais e das trocas entre parentes e vizinhos (Fig. 4). A maioria das espécies nativas e naturalizadas é coletada nas matas, campos, quintais, roças e terrenos baldios. Dentre as plantas cultivadas estão principalmente as exóticas. Poucas espécies costumam ser compradas, em geral exóticas, tais como a **camomila** (*Matricaria recutita* L.) e a **erva-doce** (*Pimpinella anisum* L.). Notou-se o cultivo frequente de plantas com finalidade de proteção espiritual como a **espada-de-são-jorge** (*Sansevieria trifasciata* Prain) e a **comigo-ninguém-pode** (*Dieffenbachia seguine* (Jacq.) Schott). O desaparecimento de determinadas espécies medicinais, como a **arnica** (*Stenachaenium campestre* Baker) e a diminuição das práticas de cultivo foram citadas recorrentemente nas entrevistas, o que é percebido enquanto uma consequência da urbanização e da desvalorização das medicinas tradicionais. Nesse sentido, a conservação da biodiversidade em remanescentes de vegetação nativa florestal e campestre é de notável importância para garantir o acesso às ervas medicinais e valorizar os conhecimentos tradicionais nas cidades.

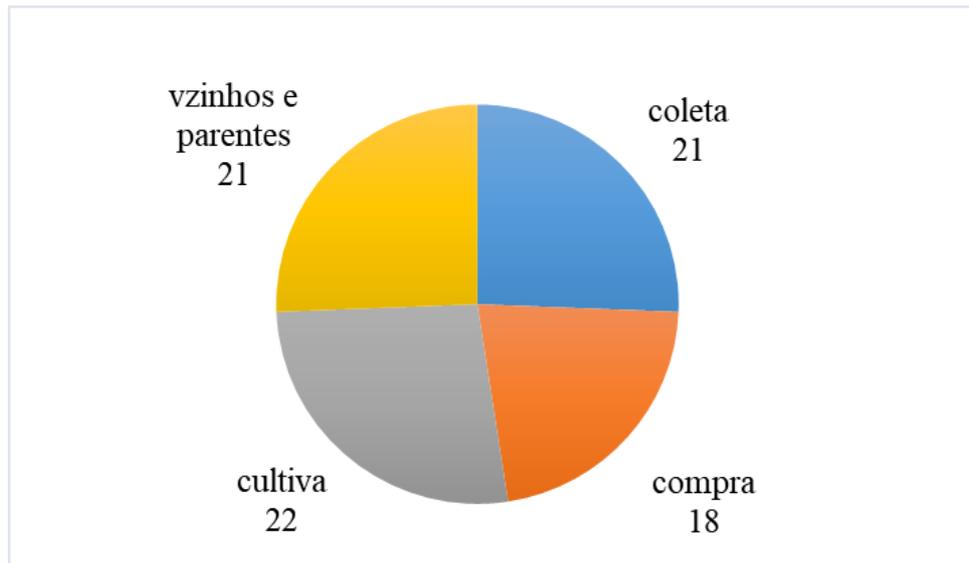


Figura 4. Número de citações conforme a fonte de obtenção de plantas

As espécies nativas do Brasil representaram 50,2% das espécies (119), seguidas das plantas exóticas (47,3) as quais compreendem plantas cultivadas (27,4%, 65 espécies), plantas naturalizadas (15,6%, 37 espécies) e outras para as quais não foi possível determinar se são cultivadas ou naturalizadas no Brasil (4,2%, 10 espécies). Na tabela 1 essas dez espécies foram categorizadas como exóticas. Foram registradas espécies pertencentes a 75 famílias botânicas. A família com maior número de representantes foi Asteraceae (38), seguida de Lamiaceae (17), Myrtaceae (13), Fabaceae (9), Solanaceae (8) e Rutaceae (8). Estes dados concordam com os obtidos em outras pesquisas no estado do RS, como nos trabalhos de Garlet (2000), Kubo (1997) e Vendruscolo (2004). Em estudos etnobotânicos, a distinção entre espécies nativas, naturalizadas, cultivadas e exóticas, seguindo a classificação científica, auxilia na compreensão das relações ancestrais das comunidades com a flora originária do local, das dinâmicas de incorporação de plantas e saberes oriundos de distintos lugares, bem como, no planejamento de estratégias de conservação ambiental.

Ainda que a categoria botânica científica nativa corresponda, em alguma medida, às categorizações locais plantas como pertencentes ao "mato nativo" ou ao "campo", lugares parcialmente conservados em seus atributos originais, alguns interlocutores percebem uma continuidade, e não polarização, entre ambientes e espécies nativas e cultivadas. A parteira, por exemplo, quando questionada sobre a origem das plantas, dizia que "toda planta é do mato, a gente é quem traz e planta em casa". Ela estabelecia um continuum entre o mundo doméstico "da casa" e o mundo silvestre "do mato". Seu itinerário terapêutico envolve incursões às áreas de mata para a coleta de plantas medicinais que serão utilizadas em tratamentos e cultivadas em sua casa. Sua prática médica tradicional parte da não polarização entre o que tecnicamente é considerado nativo, entendido enquanto autóctone ou selvagem, e o que considera-se exótico e/ou doméstico, como produtos da ação cultural humana. Revela, portanto, uma sabedoria prática de quem prossegue o trabalho milenar que possibilitou à humanidade o reconhecimento e a domesticação de variedades de plantas alimentícias, fibras vegetais, medicinais, entre outras essenciais à vida. Trazidas do "mato" para o ambiente doméstico, as plantas serão cuidadas, assim como cuidam das pessoas que delas necessitam. Estabelece-se uma rede de relações terapêuticas que envolve componentes vegetais e humanos num território que hibridiza espaços domésticos e naturais.

Diversas categorizações locais de plantas foram observadas de acordo com o propósito, o uso e as pessoas para as quais se destinam. Plantas de importância ritualística ou religiosa chamadas "ervas de religião", "erva para banhos" e "ervas de santo" (28 espécies, 12%) estiveram sempre associadas às manifestações de povos de matriz africana. Plantas "para criança" (34 espécies, 14%) e "para mulher" (57 espécies, 24%) também constituem categorias locais de agrupamento. Uma categoria mais abrangente e inclusiva é a das "ervas de chá", ou simplesmente "chás", que compreende um grande número de plantas com importância medicinal para diferentes problemas de saúde. Além disso, 84 espécies (35%) possuem usos alimentícios, sete (3%) espécies possuem uso repelente e seis (2,5%), uso cosmético (cabelo e pele). Sessenta e dois por cento das espécies (147) pertencem a no mínimo dois dos agrupamentos mencionados. Veja tabela 1.

Tabela 1. Famílias botânicas, nomes científicos e populares, origem e usos das espécie e valores de importância das espécies mais citadas pelos/as entrevistados/as (CUPc). Plantas sem CUPc foram citadas exclusivamente pelos/as especialistas.

Família / Espécie	Nome popular	Origem	Usos medicinais gerais	Saúde da mulher e da criança	Ritualístico	Alimentícia	CUPc
Líquens							
Parmeliaceae							
<i>Usnea</i> sp.	Flor-da-pedra	Nativa	Problemas nos rins (pedras) nas vesícula e na uretra.				
Samambaias e Licófitas							
Equisetaceae							
<i>Equisetum hyemale</i> L.	Cavalinha	Cultivada	Problemas na próstata.				
Pteridaceae							
<i>Adiantopsis chlorophylla</i> (Sw.) Fée	Samambaia – roxa	Nativa	Reumatismo, problemas nos rins e infecções.				
<i>Adiantum raddianum</i> C. Presl	Avenca	Nativa	Baixar a febre, regular a pressão, problemas no pulmão e bronquite.				0
Gimnospermas							
Araucariaceae							
<i>Araucaria angustifolia</i> (Bertol.) Kuntze	Pinheiro	Nativa	Dores musculares, de dente e no ouvido, reumatismo e garganta inchada.			Sementes comestíveis.	
Pinaceae							
<i>Pinus</i> sp.	Pinus	Naturalizada	Fortalece o cabelo e o vigor físico.				
Angiospermas							
Adoxaceae							
<i>Sambucus australis</i> Cham. & Schltdl.	Sabugueiro	Nativa	Sarampo, catapora, caxumba, sapinho, febre, resfriado, gripe, bronquite, asma, infecção intestinal, limpeza do sangue.	Sapinho, catapora, sarampo, febre, bronquite e asma de criança.			26.086

Alismataceae							
<i>Echinodorus</i> sp.	Chapéu-de-couro	Nativa	Problemas na coluna, dores nas costas, reumatismo, ácido úrico e inflamações.				
Amaranthaceae							
<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze	Penicilina, penicilina-em-rama, ampicilina	Nativa	Infecções, gripe, cólica renal, feridas, anti-inflamatória.	Infecções no sistema geniturinário feminino.			13.043
<i>Alternanthera</i> sp.	Calmador		Dor.				0
<i>Amaranthus viridis</i> L.	Caruru	Naturalizada	Reumatismo, problemas no estômago e intestino, varizes.			Folhas comestíveis.	30.434
<i>Beta vulgaris</i> L.	Beterraba	Cultivada	Anemia, fortificante e bronquite.			Folhas e raízes comestíveis.	0
<i>Dysphania ambrosioides</i> (L.) Mosyakin & Clemants	Santa-maria, erva-de-santa-maria	Naturalizada	Vermes, dores no estômago, gases, laxante, hemorroidas, feridas, sarna, câimbra, gripe, bicho de pé, repelente de pulgas e de traças.	Vermes e dor de barriga de criança.			17.391
Amarillidaceae							
<i>Allium ampeloprasum</i> L.	Alho-graúdo, alho-macho	Cultivada	Gripes.	Anticoncepcional.		Bulbos comestíveis.	0
<i>Allium cepa</i> L.	Cebola	Cultivada	Vômito, tosse.	Regular a menstruação.		Bulbos comestíveis.	8.695
<i>Allium sativum</i> L.	Alho	Cultivada	Problemas nos pulmões, gripe, sinusite, dores de dente e ouvido, infecções, picada de cobra e de aranha.		Proteção, matar olho-gordo.	Bulbos comestíveis.	13.043
Anacardiaceae							
<i>Lithraea brasiliensis</i> Marchand	Aroeira, aroeira-bugre	Nativa	Alergias e feridas.				0
<i>Mangifera indica</i> L.	Manga	Cultivada	Diabetes, falta de açúcar no sangue, para fortalecer a mente e aumentar a disposição.			Frutos comestíveis.	
<i>Schinus molle</i> L.	Resineira	Nativa	Berne.				

Annonaceae							
<i>Annona sylvatica</i> A.St.-Hil.	Araticum, graviola, fruta-do-conde	Nativa	Piolho, emagrecedora, colesterol e glicose altos.			Frutos comestíveis.	
Apiaceae							
<i>Anethum graveolens</i> L.	Endro	Naturalizada	Gripe, tosse, bom para o estômago, enjoos.				8.666
<i>Cycospermum leptophyllum</i> (Pers.) Sprague ex Britton & P.Wilson	Aipinho-do-banhado, aipo-do-mato	Nativa	Pressão alta, desarranjo.				0
<i>Daucus carota</i> L.	Cenoura	Cultivada	Bronquite, para fortalecer as vistas e a mente, aumenta a disposição e anemia.			Folhas e raízes comestíveis.	0
<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.	Funcho	Naturalizada	Prisão de ventre, diarreia, vermes, gases, calmante, gripe, problemas no pulmão, tuberculose e sinusite.	Calmanete, gripe, tosse, para "tirar frio", gases, cólica, vermes, diarreia de bebê e criança e para estimular a lactação.			56.521
<i>Petroselinum crispum</i> (Mill.) Fuss	Salsinha, salsa	Cultivada	Amarelão, hepatite, infecção urinária.		Matar olho gordo.	Folhas comestíveis.	
<i>Pimpinella anisum</i> L.	Erva-doce	Cultivada	Cólica, intestino preso, tosse, calmante.	Calmanete, tosse, pra "tirar frio" e cólica de criança.		Sementes aromáticas.	26.086
Aquifoliaceae							
<i>Ilex paraguariensis</i> A.St.-Hil.	Erva-mate	Nativa	Colesterol alto.	Descolar a placenta.		Folhas para chá.	0
Araceae							
<i>Dieffenbachia seguine</i> (Jacq.) Schott	Comigo-ninguém-pode	Nativa			Proteção, contra mau olhado, banho de descarga.		47.826
<i>Monstera deliciosa</i> Liebm.	Costela-de-adão	Cultivada			Banhos de descarrego		8.666

Arecaceae							
<i>Syagrus romanzoffiana</i> (Cham.) Glassm.	Coqueiro, coqueiro-da-raiz-vermelha	Nativa	Reumatismo, "para tudo".			Frutos comestíveis.	0
Aristolochiaceae							
<i>Aristolochia triangularis</i> Cham. & Schltld.	Cipó-mil-homens, cipó-milome	Nativa	Limpar o sangue, infecção, diurético, perder barriga, problemas no estômago e fígado, reumatismo, impotência, gripe, batidas, dores musculares, dor nas costas, de dente e de cabeça, garganta inchada, para tudo.	Abortivo.			8.695
Asparagaceae							
<i>Aloe arborescens</i> Mill.	Babosa	Cultivada	Feridas, infecções, cicatrizante, furúnculos, caspa, rejuvenescedora e para o cabelo e pele, problemas no pulmão, bronquite, tosse, sinusite, úlcera, gastrite, problemas no intestino, laxante, cirrose, diabetes, pressão alta, câncer, dores no corpo e na barriga.				60.868
<i>Aloe vera</i> (L.) Burm.	Babosa	Cultivada	Feridas, queimaduras, fortalecer o cabelo.				8.695
<i>Sansevieria trifasciata</i> Prain	Espada-de-são-jorge, espada-de-santa-catarina	Cultivada			Banho de descarrego, olho gordo.		65.2
Asteraceae							
<i>Acanthospermum australe</i> (Loefl.) Kuntze	Carrapicho-rasteiro, carrapichinho-miúdo, carrapichinho-do-mato	Nativa	Inflamações, dor de dente e nas costas, diarreia, problemas nos rins e doenças venéreas em homens.	Infecção no sistema geniturinário feminino, corrimento, dores uterinas			0
<i>Achillea millefolium</i> L.	Ponta-alívio, mil-em-rama, ponto-alívio, dipirona	Naturalizada	Gripe, pontada, febre, ferida, tétano, problemas no fígado.	Gripe, pontada em crianças.			8.695

<i>Achyrocline satureioides</i> (Lam.) DC.	Marcela	Nativa	Dores de garganta, estômago e barriga, laxante, digestiva, vômito, diarreia, colesterol alto, problemas no pulmão, gripe, tosse, descongestionante, "para tudo".	Descolar a placenta, resfriado, dor de estômago e intestino preso de bebê recém-nascido e criança. Tirar frio de umbigo de criança.			65.217
<i>Ageratum conyzoides</i> L./	Erva-de-são-joão	Nativa	Calmante, insônia, estresse, depressão.				
<i>Arctium minus</i> (Hill) Bernh.	Bardana	Naturalizada	Problemas no fígado, no estômago e intestino, diabetes, alergias, reumatismo, feridas, micoses, furúnculo e caxumba.	Inflamação nos ovários.			
<i>Artemisia absinthium</i> L.	Losna, losma	Cultivada	Problemas no estômago e fígado, dor de barriga, anemia e soluço.				21.739
<i>Artemisia alba</i> Turra	Alcanfor	Cultivada	Dores, dor de dente, reumatismo, garganta inchada.	Abortivo.			
<i>Baccharis anomala</i> DC.	Erva-da-jurema, parreirinha, parreirinha-do-mato	Nativa	Ferida cancerosa.		Banho de descarga.		
<i>Baccharis articulata</i> (Lam.) Pers.	Carquejinha, carqueja, carqueja-miúda	Nativa	Problemas no estômago e no fígado, dor de barriga, diabetes, colesterol alto, digestiva, para abrir apetite e para emagrecer, gripe, falta de ar, problemas nos pulmões, infecção, afinar o sangue, dor nas costas e de cabeça.	Azia de grávida.			34.782
<i>Baccharis patens</i> Baker	Alecrim	Nativa	Gripe, anemia e para problemas no fígado.		Banho de descarrego, proteção, espanta maus espíritos.		0
<i>Baccharis psiadioides</i> (Less.) Joch.Müll.	Vassourinha do Mato, Chapanã, Lixiguana ou Vassourinha-de-chapanã	Nativa	Hemorroidas, intoxicação por veneno, repõe a flora estomacal, dor nas costas.	Emenagoga.	Banho de descarrego		0
<i>Baccharis riograndensis</i> Malag. & J.Vidal	Carqueja, carquejinha	Nativa	Gripe, para emagrecer e abrir o apetite, digestiva.				0

<i>Baccharis crispa</i> Spreng.	Carquejão, carqueja	Nativa	Para problemas no estômago, dor de barriga, para emagrecer, gripe, falta de ar, problemas nos pulmões, infecção, dor nas costas e de cabeça.	Azia de grávida.			26.086
<i>Bidens pilosa</i> L.	Picão	Naturalizada	Digestivo, diarreia, infecção urinária, hepatite, amarelão, fraqueza, anemia, problemas circulatórios, reumatismo, anti-inflamatório, limpeza dos pulmões, depressão.	Abortivo.	Banhos de descarrego		8.666
<i>Calea pinnatifida</i> (R.Br.) Less.	Quebra-tudo	Nativa	Problemas no estômago e no fígado, veias entupidadas e colesterol alto.		Banho de descarrego, quebrar feitiço, chamar dinheiro.		13.043
<i>Calendula officinalis</i> L.	Calêndula	Cultivada	Cicatrizante.				0
<i>Chaptalia nutans</i> (L.) Pol.	Arnica-do-mato	Nativa	Feridas, machucados, sarna, infecções, anti-inflamatório.				8.695
<i>Cichorium</i> sp.	Chicoria	Cultivada	Anemia e bronquite.			Folhas comestíveis.	0
<i>Conyza bonariensis</i> (L.) Cronquist	Buva	Nativa	Dores, feridas, úlceras e problemas no estômago.				0
<i>Cynara scolymus</i> L.	Alcachofra	Cultivada	Problemas no estômago, no fígado e na vesícula, digestiva, emagrecedora, diabetes, colesterol alto e pressão alta.				0
<i>Lactuca sativa</i> L.	Alface	Cultivada		Estimular a lactação		Folhas comestíveis.	
<i>Lucilia acutifolia</i> (Poir.) Cass.	Erva-pombinha	Nativa	Infecção e pedras nos rins na vesícula e bexiga e diurética.	Infecção no ovário.			0
<i>Matricaria recutita</i> L.	Camomila, Maçanilha	Naturalizada	Calmante, cólica, intestino preso, problemas no estômago e no coração, diabetes, gripe, feridas, conjuntivite, bom para os olhos, fortificante para a raiz do cabelo e clarear manchas da pele.	Tirar frio de bebê recém-nascido, gripe, calmante, cólica, intestino preso de criança e grávida.			65.217
<i>Mikania glomerata</i> Spreng.	Guaco	Nativa	Gripe, tosse e expectorante.	Gripe, tosse, expectorante para criança.			21.739
<i>Mikania laevigata</i> Sch. Bip. ex Baker	Guaco, guaco-do-mato	Nativa	Problemas no pulmão, tosse, gripe, bronquite, asma e resfriado.	Gripe de crianças.			65.217

<i>Moquiinastrum polymorphum</i> (Less.) G. Sancho	Cambará	Nativa	Gripe, tosse, asma e bronquite.				0
<i>Noticastrum gnaphalioides</i> (Baker) Cuatrec.	Arnica	Nativa	Infecção, ferimentos e machucados.				
<i>Pluchea sagittalis</i> (Lam.) Cabrera	Quitoco, arnica, arnicão-da-praia, lucero	Nativa	Dores, inflamação, machucados, feridas, infecção, afinar o sangue.				0
<i>Senecio brasiliensis</i> (Spreng.) Less.	Maria-mole	Nativa	Feridas, sarna, micose, cicatrizante, hemorragia, câncer que gera feridas no corpo.	Ferida, sarna e micose em crianças.			12.975
<i>Solidago chilensis</i> Meyen	Buva, lanceta, voadeira	Nativa	Ferida, úlcera nervosa, gastrite, inflamação.				0
<i>Sonchus oleraceus</i> L.	Serralha, serraia	Nativa	Fortificante para a saúde, boa para os intestinos, colesterol alto.			Folhas comestíveis.	26.086
<i>Sphagneticola trilobata</i> (L.) Pruski	Mal-me-quer, insulina	Nativa	Hemorragia e diabetes.				0
<i>Stenachaenium campestre</i> Baker	Arnique, arnica, arnica-do-campo	Nativa	Expectorante, tosse, gripe, dor, inflamação, infecção, infecção no sangue, machucados, reumatismo, "para tudo".				8.666
<i>Tagetes minuta</i> L.	Picão-do-reino, chinchia, chinchilha, cincilho, artemísia	Naturalizada	Limpar o sangue, ressaca, tosse, gripe, asma, doenças respiratórias, repelente de pulgas e piolho de galinha.	Menstruação atrasada.			0
<i>Tanacetum parthenium</i> (L.) Sch.Bip.	Artemigia, catinga-de-mulata, camomila, artemísia	Naturalizada	Problemas no estômago, infecção urinária, dores e dor de cabeça.	Abortiva, recaída (depressão pós parto), emenagoga, anticonceptiva, infecção no útero.			8.666
<i>Tanacetum vulgare</i> L.	Catinga-de-mulata, catinga-de-mulata, palma, palminha, palma-crespa	Naturalizada	Dores, machucados, reumatismo, dor de dente, garganta inchada, infecção, feridas, aftas, problemas no estômago, no fígado e úlcera.	Recaída (depressão pós parto), emenagoga, corrimento.			8.666
<i>Taraxacum officinale</i> F.H. Wigg.	Radite-do-mato, radite, dente-de-leão, almeirão	Naturalizada	Bom para a saúde e para o fígado, câncer de próstata, diabetes, problemas do intestino.			Folhas comestíveis.	30.434

<i>Xanthium spinosum</i> L.	Abrofo, abronco, carrapicho-de-carneiro, carrapichão, carrapicho-domato, abrofo	Naturalizada	Bronquite, asma, catarro no pulmão, tuberculose, laxante, pasmo, paralisia.	Abortivo, pasmo e paralisia de criança			0
Basellaceae							
<i>Anredera cordifolia</i> (Ten.) Steenis	Erva-gorda, folha-gorda, tapa-buraco	Nativa	Furúnculo, picada de inseto, feridas.				0
Bignoniaceae							
<i>Dolichandra unguis-cati</i> (L.) L. Lohmann	Unha-de-gato	Nativa	Reumatismo nos ossos e "caruncho" nos ossos.				
<i>Handroanthus heptaphyllus</i> (Vell.) Mattos	Ipê-roxo	Nativa	Câncer, inflamação na coluna, "para tudo".				0
<i>Tynanthus cognatus</i> (Cham.) Miers	Cipó-cravo	Nativa	Dor de dente, calmante, bom para a memória.			Cipó aromático (gosto de cravo)	
Boraginaceae							
<i>Symphytum officinale</i> Linn.	Confrei	Cultivada	Feridas, dor, machucados, reumatismo, diabetes e colesterol alto.				
<i>Varronia curassavica</i> Jacq.	Balera, baleinha, baleeira	Nativa	Diarreia, dor de barriga, problemas no estômago, cortes, câncer, artrite, artrose, osteoporose, gota, inflamação e no tratamento de varizes.				8.666
Brassicaceae							
<i>Brassica oleracea</i> L.	Couve	Cultivada	Dores e feridas.			Folhas comestíveis.	
<i>Brassica oleracea var. capitata</i> L.	Repolho	Cultivada	Dores e reumatismo.			Folhas comestíveis.	
<i>Brassica rapa</i> L.	Nabo-branco	Naturalizada	Fortificante.			Raízes comestíveis.	

<i>Coronopus didymus</i> (L.) Sm.	Menstruz, menstrução	Naturalizada	Problemas no estômago, tratamento de alcoolismo, dores musculares, machucados, ferimentos, torcicolos, problemas de coluna, nervos embotados, reumatismo, inflamações, problemas no pulmão, sinusite, bronquite, tuberculose, gripe e tosse.	Anticonceptivo. Tirar frio de umbigo de criança.		Folhas comestíveis.	34.782
<i>Lepidium bonariense</i> L.	Urinária, Mijadeira	Nativa	Enxaqueca, diabetes, colesterol alto, emagrecedora, bexiga inflamada, pedras no rim, diurética.	Problemas uterinos e nos ovários			0
<i>Rorippa nasturtium-aquaticum</i> (L.) Hayek	Agrião	Cultivada	Tosse, gripe, pontada, expectorante e câncer.			Folhas comestíveis.	26.086
Bromeliaceae							
<i>Ananas cf. bracteatus</i> (Lindl.) Schult. & Schult.f.	Ananás	Nativa		Abortivo		Pseudofruto comestível.	
<i>Ananas comosus</i> (L.) Merr.	Abacaxi	Nativa	Limpa a respiração, bronquite.			Pseudofruto comestível.	
<i>Bromelia antiacantha</i> Bertol.	Bananinha-do-mato, banana-do-mato	Nativa	Gripe, asma, tosse, bronquite, e para limpar o pulmão.				8.695
Cactaceae							
<i>Cereus hildmannianus</i> K. Schum.	Tuna, cacto	Nativa	Câncer, coqueluche e no tratamento do alcoolismo.				0
<i>Opuntia monacantha</i> Haw.	Cacto	Nativa	Câncer e coqueluche.				
Cannabaceae							
<i>Celtis iguanaea</i> (Jacq.) Sarg.	Coronilha	Nativa	Reumatismo, osteoporose, emagrecedora e colesterol alto.				
Caricaceae							
<i>Carica papaya</i> L.	Mamão, mamoeiro	Naturalizada	Úlcera, úlcera nervosa, gastrite, limpa o estômago, intoxicação por agrotóxico, malária, fortificante para a mente e aumento de disposição.			Fruto comestível.	0

Celastraceae							
<i>Monteverdia ilicifolia</i> (Mart. ex Reissek) Biral	Espinheira-santa, cancorosa	Nativa	Problemas no estômago, gastrite, infecção na garganta, problemas na coluna e nos rins, reumatismo, sífilis e para limpar o sangue.	Ferida e alergia na vagina.			0
Commelinaceae							
<i>Commelina</i> sp.	Onda-do-mar- verde, erva-de- santa-luzia, borboletinha		Conjuntivite e bom para os olhos.		Banho de descarga.		0
<i>Tradescantia zebrina</i> Heynh. ex Bosse	Onda-do-mar	Naturalizada	Boa para intestino e rins.				
Convolvulaceae							
<i>Ipomoea batatas</i> (L.) Lam.	Batata-doce, batata-doce- roxa	Naturalizada	Diabetes, inflamação e dor no dente, garganta inchada, fortificante para o cérebro e ossos, para problemas nos rins e diurético.			Folhas e raízes comestíveis.	0
Crassulaceae							
<i>Kalanchoe pinnata</i> (Lam.) Pers.	Folha-da-fortuna	Naturalizada	Desnutrição e diabetes.				
<i>Sedum dendroideum</i> DC.	Bálsamo	Cultivada	Bronquite asmática e expectorante.				
Cucurbitaceae							
<i>Cayaponia martiana</i> (Cogn.) Cogn.	Tajujá	Nativa	Para problemas no pulmão, para limpar o sangue e "para tudo".				0
<i>Cucurbita moschata</i> Duchesne	Abóbora	Cultivada	Vermes.			Frutos e sementes comestíveis	
<i>Luffa operculata</i> (L.) Cogn.	Buchinha, buchinha-do- norte	Nativa	Sinusite e carne esponjosa.	Abortiva.			0
<i>Sicyos edulis</i> Jacq.	Chuchu-branco, chuchu	Naturalizada	Pressão alta e diabetes.			Frutos e sementes comestíveis	17.391

Dioscoreaceae							
<i>Dioscorea</i> sp.	Cipó-japecanga	Nativa	Gastrite e problemas no estômago.				
Erythroxylaceae							
<i>Erythroxylum argentinum</i> O.E. Schulz	Cocão	Nativa	Câncer.				
Euphorbiaceae							
<i>Croton cf. gnaphalii</i> Baill.	Erva-da-graça, erva-pombinha	Nativa	Emagrecedora, colesterol alto, bexiga inflamada, problemas urinários, na tireoide e no fígado, derramamento de bile, amargo na boca e inchaço.				
<i>Euphorbia prostrata</i> Aiton	Quebra-pedra-rasteiro, quebra-pedra	Nativa	Pedra nos rins, na vesícula e na bexiga e para limpar o sangue.				65.217
<i>Euphorbia tirucalli</i> L.	Azeloz	Cultivada	Câncer e para feridas.				
<i>Manihot esculenta</i> Crantz	Aipim	Nativa	Fortalecer cérebro e ossos.			Folhas e raízes comestíveis	
<i>Ricinus communis</i> L.	Mamona, Mamoneira	Naturalizada	Furúnculo, hemorroida, dor, micose, ferida, furúnculo, abscesso e purgante.				13.043
Fabaceae							
<i>Arachis hypogaea</i> L.	Amendoim	Naturalizada	Purgante.	Tomar óleo purgante antes do parto.			
<i>Bauhinia forficata</i> Link	Pata-de-vaca, pata-de-vaca-original	Nativa	Para pedras nos rins e na vesícula, problemas na bexiga, infecção urinária e para dores na coluna.	Infecção urinária, rins e na vagina.			26.086
<i>Bauhinia variegata</i> L.	Pata-de-vaca	Exótica	Infecção.				0
<i>Erythrina crista-galli</i> L.	Corticeira	Nativa	Dor de dente e na coluna e para limpeza bucal.				0
<i>Medicago sativa</i> L.	Alfafa	Cultivada	Pressão baixa, tratamento da AIDS.	Estimular a lactação.			
<i>Mimosa bimucronata</i> (DC.) Kuntze	Maricá	Nativa	Bronquite e dor de dente.	Miomas.			0
<i>Parapiptadenia rigida</i> (Benth.) Brenan	Angico	Nativa	Bronquite, asma, "para tudo".				0

<i>Phaseolus vulgaris</i> L.	Feijão-branco	Cultivada	Emagrecedora.			Sementes comestíveis.	8.666
<i>Senna corymbosa</i> (Lam.) H.S.Irwin & Barneby	Sene, sena, sene-do-mato, fedegoso	Nativa	Laxante, cólica, emagrecedora, diarreia, problemas no pulmão.	Abortivo.		Sementes usadas para fazer café.	17.391
Geraniaceae							
<i>Pelargonium graveolens</i> L'Hér.	Malva-cheirosa	Cultivada	Diurético, gripe.		Banho de descarga.		
Hypoxidaceae							
<i>Hypoxis decumbens</i> L.	Cebolinha-do-campo	Nativa	Problemas no fígado e respiratórios.				
Illiciaceae							
<i>Illicium verum</i> Hook.f.	Anis-estrelado	Cultivada	Tirar frio e gases.				
Iridaceae							
<i>Sisyrinchium vaginatum</i> Spreng.	Cancha-larga, cabelo-de-porco	Nativa	Colesterol alto, reumatismo, osteoporose, problemas nos rins e infecção da bexiga.				
Juglandaceae							
<i>Carya illinoensis</i> (Wangenh.) K. Koch	Nogueira	Cultivada	Colesterol, diabete e emagrecedora.			Sementes comestíveis.	
Juncaceae							
<i>Juncus capillaceus</i> Lam.	Cabelo-de-porco, graminha	Nativa	Dor nas costas, problemas nos rins, febre, diarreia e emagrecedora.				0
Lamiaceae							
<i>Cantinoa mutabilis</i> (Rich.) Harley & J.F.B.Pastore	Canela-de-negro	Nativa	Congestão e digestiva.				
<i>Ocimum basilicum</i> L.	Manjerição	Cultivada	Cólicas, calmante, problemas no coração.		Banho de descarrego	Condimento.	26.086
<i>Ocimum gratissimum</i> L.	Canela-de-negro, anis, cravo-fêmea	Naturalizada	Calmante, problemas no coração.	Abortivo.		Condimento.	

<i>Ocimum carnosum</i> (Spreng.) Link & Otto ex Benth.	Anis, anis-do-mato	Nativa	Gripe, gases, tirar frio.			Condimento, chá aromático.	0
<i>Cunila microcephala</i> Benth.	Poejo, poejinho	Nativa	Gripe, tosse, expectorante, asma e bronquite.	Gripe, tosse, bronquite, asma e para tirar frio de bebê e criança.			86.956
<i>Lavandula angustifolia</i> Mill.	Alfazema	Cultivada	Desentupir nariz.		Banho de descarrego		0
<i>Mentha arvensis</i> L.	Hortelã, hortelã-preta	Exótica	Gripe vermes e cólica	Vermes e cólica de bebês.		Condimento, chá aromático.	13.043
<i>Mentha</i> sp.	Alevante		Gripe	Gripe de criança.		Condimento, chá aromático.	
<i>Mentha</i> sp. 1	Hortelã		Vermes, tosse e dor de barriga.	Vermes, calmante e dor de barriga de criança.		Condimento, chá aromático.	21.739
<i>Mentha</i> sp.2	Hortelã-branca		Gripe e vermes.	Vermes de criança.		Condimento, chá aromático.	13.043
<i>Origanum majorana</i> L.	Manjerona	Cultivada	Enxaqueca, dor de cabeça, problemas no estômago, cólica, diarreia, gripe, tosse, bronquite, expectorante e dor de ouvido.	Emenagoga, para descer a placenta, dilatação no parto, anticonceptivo, abortivo, cicatrizar o umbigo, para tirar o frio, calmante, cólica, gripe e diarreia de criança.		Condimento.	30.434
<i>Plectranthus barbatus</i> Andr.	Boldo, boldão, boldo-brasileiro, boldo-de-árvore	Cultivada	Problemas no estômago, vesícula e fígado, cólica, enjoo, ressaca alcóolica, colesterol alto e emagrecedora.				91.3
<i>Plectranthus ornatus</i> Codd	Boldo-rasteiro, boldo, boldo-do-chile, boldo-miúdo	Cultivada	Dor no estômago, vômito e emagrecedora.				17.391

<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Alecrim	Cultivada	Dores, reumatismo, dor de dente e de cabeça, garganta inchada, problemas no coração.	Abortivo.	Proteção, banho de descarrego e para abrir caminhos, espantar energia negativa.	Condimento.	30.434
<i>Salvia microphylla</i> Kunth.	Ponta-alívio, pronto-alívio, ponta-livre	Cultivada	Pontada, pneumonia, calmante, dor, "para tudo".				0
<i>Salvia officinalis</i> L.	Sálvia, sábia	Cultivada	Problemas no fígado, abrir o apetite			Condimento.	0
<i>Vitex megapotamica</i> (Spreng.) Moldenke	Tarumã	Nativa	Para limpar o sangue.				
Lauraceae							
<i>Cinnamomum verum</i> J.Presl	Canela	Cultivada	Vômito, bronquite, resfriado, tosse, coqueluche, anemia, tirar frio e câncer.	Abortiva, cólicas menstruais, descer/normalizar a menstruação, dilatação no parto, recaída (depressão pós parto).	Condimento		39.129
<i>Laurus nobilis</i> L.	Louro	Cultivada		Abortivo.		Condimento.	21.739
<i>Persea americana</i> Mill.	Abacateiro, abacate	Naturalizada	Machucados, reumatismo, dores, problemas na coluna e nos rins, dor de dente e garganta inchada.			Fruto comestível.	21.739
Linaceae							
<i>Linum usitatissimum</i> L.	Linhaça	Exótica	Intestino preso e fortificante para o cérebro.	Intestino preso de criança.		Semente comestível.	8.666
Loranthaceae							
<i>Tripodanthus acutifolius</i> (Ruiz & Pav.) Tiegh.	Erva-de-passarinho	Nativa	Pontada, pneumonia, dor nas articulações e nos tendões.				
Lythraceae							
<i>Cuphea carthagenensis</i> (Jacq.) J.F. Macbr.	Sete-sangrias	Nativa	Problemas no estômago, limpar e afinar o sangue e pressão alta.				0

<i>Heimia apetala</i> (Spreng.) S.A.Graham & Gandhi	Erva-da-vida, murta	Nativa	Infecção intestinal, colesterol alto, problemas no baço, pedra nos rins e na vesícula.	Infecção intestinal em crianças.			0
<i>Punica granatum</i> L.	Romã	Cultivada	Diarreia, dor de barriga e infecção na garganta.			Fruto comestível.	39.129
Malvaceae							
<i>Luehea divaricata</i> Mart.	Açoita-cavalo	Nativa	Gripe, tosse, bronquite e asma.	Câncer de mama.			8.666
<i>Malva parviflora</i> L.	Malva	Naturalizada	Infecção na garganta e dentes, afta, inflamação, infecções, feridas e sinusite.	Infecção nos ovários.			47.826
<i>Sida rhombifolia</i> L.	Guanxuma, guanxuma-branca, guanxuma	Nativa	Infecção nos olhos e no intestino, diarreia, ferida, pressão alta, caspa e seborreia nas sobrancelhas, anemia.		Vassoura para tirar os maus olhados.		8.685
<i>Whalteria</i> sp.	Douradinha-do-campo	Nativa	Infecção urinária.				
Melastomataceae							
<i>Leandra australis</i> (Cham.) Cogn.	Pixirica	Nativa	Diarreia e hemorroidas.				
<i>Leandra</i> sp.	Pixirica, uva-ursa, manacá-da-serra	Nativa	Diarreia, gastrite e hemorroidas.			Fruto comestível.	
<i>Miconia hyemalis</i> A.St.-Hil. & Naudin	Pixirica-branca	Nativa	Diarreia e hemorroidas.				
Meliaceae							
<i>Melia azedarach</i> Linn.	Cinamomo, cinamão	Naturalizada	Feridas, brotoeja, micose, sarna, alergias, dores, reumatismo, mau jeito, dor de dente, garganta inchada, limpa e afina o sangue, bicho de pé, sarna, garrotilho, infecção e repelente de piolhos.	Micose, sarna, alergia e brotoeja de criança.	Olho grande e contra macumba.		21.739
Moraceae							
<i>Ficus carica</i> L.	Figo, figueira	Cultivada	Problemas no coração, pressão alta, diarreia e gripe.	Gripe e no mate doce para criança.		Fruto comestível, folhas aromáticas para chá.	0
<i>Morus nigra</i> Linn.	Amora, amoreira, amora-preta-de-árvore	Cultivada	Diurética, diabetes, colesterol alto e apendicite.	Menopausa, calorão.		Fruto comestível.	0

<i>Sorocea bonplandii</i> (Baill.) W.C.Burger <i>et al.</i>	Cancorosa, cincho, espinheira-santa-de-sete-espinhos	Nativa	Limpeza do sangue, azia, úlcera nervosa e gripe.				0
Musaceae							
<i>Musa paradisiaca</i> L.	Bananeira, banana	Cultivada	Bronquite, tosse, coqueluche, varizes, feridas, infecção, problemas no coração, e vermes.			Fruto comestível.	13.043
Myristicaceae							
<i>Myristica fragrans</i> Houtt.	Noz-moscada	Exótica	Prevenir pontada, vômito e anemia.	Vômito e enjoo de grávida, recaída (depressão pós parto), emenagoga, abortiva.			0
Myrtaceae							
<i>Blepharocalyx salicifolius</i> (Kunth) O.Berg	Murta	Nativa	Problemas no estômago e no fígado.				0
<i>Campomanesia aurea</i> Berg	Carovinha-do-campo, gauvirova-do-campo	Nativa	Colesterol alto, gordura no coração, inflamações, fruto comestível.			Fruto comestível	
<i>Campomanesia xanthocarpa</i> O. Berg	Guabiroba, guavirova	Nativa	Cólica, desarranjo, diabetes, colesterol e glicose altos, para, emagrecer e comestível.			Fruto comestível.	8.666
<i>Eucalyptus citriodora</i> Hook.	Eucalipto-cidró, eucalipto-cheiroso, eucalipto-cidra	Exótica	Sinusite, expectorante, bronquite, gripe, para dar brilho ao cabelo.		Defumação para espantar espíritos, trazer sorte e dinheiro.		30.434
<i>Eucalyptus</i> sp.	Eucalipto	Exótica	Asma, dilatar brônquios, catarro e gripe.				39.129
<i>Eugenia uniflora</i> Linn.	Pitanga, pitangueira	Nativa	Diarreia, dor de barriga, azia, infecção intestinal e pontada (raiz).	Azia de grávida.	Banho pra conseguir emprego.	Fruto comestível.	100
<i>Myrciaria cuspidata</i> O.Berg	Camboim, angico-branco	Nativa	Asma, bronquite, tosse, reumatismo, dores e problemas nos ossos.				

<i>Myrciaria delicatula</i> (DC.) O.Berg	Camboim	Nativa	Problemas nos ossos, reumatismo e dores.				
<i>Plinia peruviana</i> (Poir.) Govaerts	Jabuticaba	Nativa	Diarreia.			Fruto comestível.	
<i>Psidium cattleyanum</i> Sabine	Araçá	Nativa	Diarreia, dor de barriga, colite e inflamações.	Infecção nos ovários.		Fruto comestível.	21.739
<i>Psidium guajava</i> L.	Goiaba, goiabeira	Naturalizada	Dor de barriga e diarreia.			Fruto comestível.	78.2
<i>Syzygium aromaticum</i> (L.) Merril. & Perry	Cravo	Exótica	Anemia e tosse.	Recaída (depressão pós parto), emenagogo, abortivo.		Fruto comestível.	13.043
<i>Syzygium cumini</i> (L.) Skeels	Jambolão	Naturalizada	Diabetes e pressão alta.				8.666
Nyctaginaceae							
<i>Boerhavia diffusa</i> L.	Erva-tostão	Naturalizada	Diarreia e infecção nos intestinos.	Intestino preso de crianças.			
<i>Mirabilis jalapa</i> L.	Sempre-viva	Naturalizada	Infecções nos olhos.				
Oleaceae							
<i>Olea europaea</i> L.	Azeitona	Exótica		Enjoo de grávida.		Fruto comestível.	
Passifloraceae							
<i>Passiflora alata</i> Curtis	Maracujá	Nativa	Calmante, estresse e pressão alta.				
<i>Passiflora edulis</i> Sims	Maracujá	Nativa	Calmante e fortificante.	Calmante, fortificante para criança.		Fruto comestível.	12.975
<i>Passiflora elegans</i> Mast.	Cipó-pau-ferro	Nativa	Diabetes.				
Phyllanthaceae							
<i>Phyllanthus niruri</i> L.	Quebra-pedra, quebra-pedras-de-árvore	Nativa	Problemas nos rins e na bexiga.				21.739
<i>Phyllanthus tenellus</i> Roxb.	Quebra-pedra	Nativa	Pedras no rins.				17.391

Phytolaccaceae							
<i>Petiveria alliacea</i> L.	Guiné	Naturalizada	Reumatismo, dor de cabeça e enxaqueca.	Para banhos de proteção das crianças.	Inveja, olho grande/gordo, banho de descarga, proteção.		21.739
<i>Phytolacca dioica</i> L.	Umbu	Nativa	Laxante.				
Piperaceae							
<i>Piper mikanianum</i> (Kunth) Steud.	Pariparoba-domato	Nativa	Depurativa.	Abortiva.			
<i>Piper nigrum</i> L.	Pimenta-do-reino	Exótica	Dores, reumatismo, dor de dente e garganta inchada.			Condimento.	
<i>Piper regnellii</i> (Miq.) C.DC	Pariparoba, pariparoba-de-árvore, pariparoba-de-casa	Nativa	Depurativa, inflamação, problemas na bexiga, infecção, reumatismo, ferida, machucados e "para tudo".	Menstruação atrasada, abortiva.			13.043
Plantaginaceae							
<i>Plantago cf. australis</i> Lam.	Tansagem, Transagem, Tranchaz	Nativa	Antibiótico, infecção urinária, na garganta e no ouvido, feridas, infecções, cicatrizante, dor de estômago e na coluna, desarranjo, problemas no pulmão e no fígado e "para tudo".	Infecção urinária e vaginal, problemas femininos.			56.468
<i>Plantago major</i> L.	Tansagem-de-casa	Naturalizada	Antibiótico e infecções.				
Poaceae							
<i>Aristida condylifolia</i> Caro	Cabelo-de-porco	Nativa	Emagrecedor, febres.	Parar menstruação exagerada, para inflamação nos ovários.			
<i>Zea mays</i> Linn.	Milho	Cultivada	Problemas no rins, diurético, infecção urinária e febre.			Sementes comestíveis.	8.666
<i>Chusquea tenella</i> Nees	Cana-do-brejo	Nativa	Problemas nos rins.				

<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf.	Capim-cidreira, capim-cidrô, erva-cidreira, capim-santo, cidreira, cidró	Naturalizada	Calmante, pressão alta, gripe, tosse.	Calmante para grávida e para nenê dormir.		Chá aromático.	34.782
<i>Saccharum officinarum</i> L.	Cana	Cultivada	Eliminar gordura.			Colmo para fazer açúcar.	0
Polygonaceae							
<i>Muehlenbeckia sagittifolia</i> (Ortega) Meisn.	Salssaparrilha	Nativa	Afinar e limpar o sangue, alergias, sarna, infecção na bexiga, depurativo, varizes, problemas de circulação, hemorroidas, diurético, manchas, espinhas, elimina o álcool do corpo.	Infecção no sangue (arrebentação), alergia e sarna de criança.			12.975
<i>Rumex cf. obtusifolius</i> L.	Língua-de-vaca	Naturalizada	Colesterol alto.			Folhas comestíveis.	0
<i>Polygonum punctatum</i> Elliott	Erva-de-bicho	Nativa	Hemorroidas, comichão, sarna, micose, alergia, ferida, varizes, hemorroidas, piolho, bicho de pé e câncer de pele.	Abortiva.	Contra feitiço.		30.434
Rosaceae							
<i>Malus x domestica</i> Borkh.	Maçã	Cultivada	Diarreia.			Fruto comestível.	
<i>Prunus domestica</i> L.	Ameixa-preta	Cultivada	Intestino preso.	Intestino preso de crianças.		Fruto comestível.	
<i>Prunus persica</i> (L.) Batsch	Pessegueiro	Cultivada	Piolho, sarna e bicho de pé.		Contra feitiço.	Fruto comestível.	
<i>Rubus rosifolius</i> Sm. var. <i>rosifolius</i>	Amorinha-do-mato, amora, amora-do-campo, amora-do-mato, amora-branca, amora-miúda	Nativa	AIDS, apendicite, diabetes, colesterol alto, queda de cabelo, fruto comestível,	Menopausa, calorão.		Fruto comestível.	12.975
Rubiaceae							
<i>Borreria verticillata</i> (L.) G. Mey.	Poaia, cabeça-de-negro	Nativa	Diarreia, desarranjo, dor de barriga e infecção intestinal.	Desarranjo, dor de barriga, infecção intestinal de criança			13.043

<i>Coffea arabica</i> L.	Café	Cultivada	Dor de cabeça, insônia, laxante, pressão alta (folha) e pressão baixa (pó de café).				0
Rutaceae							
<i>Citrus aurantiifolia</i> (Christm.) Swingle	Lima	Cultivada	Calmanete, estresse, dor de cabeça e na barriga e gripes.			Fruto comestível.	8.666
<i>Citrus aurantium</i> L.	Laranja-azedada	Cultivada	Diabetes, estresse, insônia, bronquite, pressão alta,			Fruto comestível.	
<i>Citrus reticulata</i> Blanco	Vergamota, bergamota, bergamoteira, vergamoteira	Cultivada	Gripe, calmante, dor de cabeça e de barriga e febres.			Fruto comestível.	60.812
<i>Citrus latifolia</i> Tanaka	Limão-taiti	Cultivada	Gripe e gastrite.			Fruto comestível.	8.666
<i>Citrus limon</i> (L.) Osbeck.	Limão-bergamota, limão-vermelho, limão, limão-vergamota	Cultivada	Gripe, calmante, afinar e limpar o sangue e pressão alta.			Fruto comestível.	43.478
<i>Citrus sinensis</i> (L.) Osbeck	Laranjeira, laranja-de-umbigo, laranja-do-céu	Cultivada	Gripe, febre, calmante, cicatrizante, dor de cabeça e na barriga, laxante, psmo, paralisia, para fortalecer a mente, aumenta a disposição, febre amarela (fruto verde).	Resfriado de bebê recém-nascido.	Banho para limpeza espiritual.	Fruto comestível.	56.521
<i>Zanthoxylum rhoifolium</i> Lam.	Mamica-de-cadela	Nativa	Inflamação nos tendões, artrite, artrose, reumatismo, dor de dente				
<i>Ruta graveolens</i> L.	Arruda	Cultivada		Dilatação no parto, recaída (depressão pós parto), emenagoga, abortiva, "tirar frio de umbigo" de bebê recém-nascido.	Para benzer, para batizado, olho grande, espantar energia negativa.		43.477

Salicaceae							
<i>Casearia sylvestris</i> Sw.	Chá-de-bugre, erva-de-bugre, mata-cavalo, carvalinho	Nativa	Pressão alta, problemas no coração, afinar e limpar o sangue, colesterol alto, emagrecedora, reumatismo, início de câncer, ferida, dor no corpo, ácido úrico e cálculo nos rins. Evita derrames.				13.043
Santalaceae							
<i>Jodina rhombifolia</i> (Hook. & Arn.) Reissek	Cancorosa-de-espinho, cancorosa-de-3-espinhos, cancorosa	Nativa	Osteoporose, reumatismo, gastrite, limpeza do sangue, sífilis, problemas na próstata e "para tudo".				
<i>Phoradendron piperoides</i> (Kunth) Trel.	Erva-de-passarinho	Nativa	Gastrite.				0
Sapindaceae							
<i>Dodonaea viscosa</i> (Linn.) Jacq.	Vassoura-vermelha	Nativa	Congestão, problemas no estômago e fígado, para induzir vômito e para tratar berne.				
Solanaceae							
<i>Capsicum</i> sp.	Pimenta				Olho gordo.	Condimento.	0
<i>Nicotiana tabacum</i> L.	Fumo	Cultivada	Bicho de pé, sarna, mordida de animais, piolhos.				
<i>Solanum americanum</i> Mill.		Nativa	"Para tudo".				0
<i>Solanum lycopersicum</i> L.	Tomate	Cultivada		Enjoo de grávida.		Fruto comestível.	
<i>Solanum mauritianum</i> Scop.	Fumo-bravo, fumeiro-brabo	Nativa	Cicatrizante, reumatismo, dor muscular e problemas no estômago.	Cicatrizante pra lavar ponto de mulher que fez cesárea.			8.666
<i>Solanum paniculatum</i> L.	Jurubeba, juazão	Nativa	Problemas no estômago, fígado e vesícula, vômito e feridas.				12.975
<i>Solanum sisymbriifolium</i> Lam.	Juá	Nativa	Intestino preso.			Fruto comestível.	21.739
<i>Solanum tuberosum</i> L.	Batata-inglesa	Cultivada	Tira o sal do corpo e dos ossos, gastrite nervosa e úlcera.			Tubérculo comestível.	

Theaceae							
<i>Camellia sinensis</i> (L.) Kuntze	Chá-preto	Exótica	Febre, abrir apetite e fortificante.			Folhas para chá.	0
Tropaeolaceae							
<i>Tropaeolum majus</i> L.		Naturalizada	Dores nas pernas e nas têmporas.		Usada em religiões de matriz africana.		
Urticaceae							
<i>Cecropia pachystachya</i> Trécul	Caixeta	Nativa	Diarreia.			Fruto comestível.	
<i>Urera baccifera</i> (L.) Gaudich. ex Wedd.	Urtigão	Nativa	Para limpar o sangue.				
<i>Urtica circularis</i> (Hicken) Sorarú	Urtiga, urtiga-miúda	Nativa	Para urinar e câimbra.	Regular a menstruação.			0
Verbenaceae							
<i>Aloysia citriodora</i> Palau	Cidró-de-árvore, cidró, cidrozinho	Cultivada	Gripe, calmante e pressão alta.	Calmante para criança e grávida.			30.434
<i>Aloysia gratissima</i> (Gillies & Hook.) Tronc.	Cidró-do-mato, erva-santa, erva-da-pontada, ponto-alívio	Nativa	Resfriado, tosse, pontada, pneumonia, problemas no estômago, gastrite, calmante e "para tudo".	Resfriado de criança e pontada de grávida.			21.739
<i>Lantana camara</i> L.	Malva-cheirosa	Naturalizada			Banho de descarrego		13.043
<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E.Br. ex Britton & P.Wilson	Melissa-de-árvore, sálvia, sálvia-da-gripe, erva-santa-maria, falsa-melissa	Nativa	Calmante, insônia, histeria, gripe, tosse, vermes, gases, caxumba e para "tirar frio".	Gripe de criança.			34.782
<i>Stachytarpheta cayennensis</i> (Rich.) Vahl	Gervão, Guiné	Nativa	Gripe, tosse, asma, bronquite, doenças respiratórias, renite, tirar o frio, limpar o sangue, dor de dente, problemas nos rins e na próstata, diurético e inflamações.		Proteção.	Chá aromático.	21.739

<i>Verbena montevidensis</i> Spreng.	Fel-da-terra, gervão, zé-da-silva	Nativa	Problemas no fígado (derrame da bile) e no estômago, dor de barriga.				
Violaceae							
<i>Viola odorata</i> L.	Violeta	Cultivada	Alergia.				0
Zingiberaceae							
<i>Alpinia zerumbet</i> (Pers.) B.L. Burtt. & R.M. Sm.	Cardamão, cardamomo, gingibre, velame	Cultivada	Problemas no estômago, diabetes, coração que dispara, pressão alta, veias entupidadas, pontada, dor de dente e de cabeça.				0
<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	Gengibre	Cultivada	Gripe, bronquite, digestivo, problemas nos fígado e na garganta, emagrecedor, colesterol alto, condimento.			Condimento.	13.043

Plantas para a saúde da mulher e das crianças

As ervas de "mulher" e de "criança" constituem categorias locais de produção e organização do saberes botânicos tradicionais protagonizadas por mulheres. Foram identificadas 81 espécies utilizadas para tratamentos de saúde de crianças e mulheres, corroborando para afirmar a relevância dessas plantas na comunidade.

De acordo com o saber local, essas plantas dividem-se em alguns subgrupos: plantas emenagogas (fazem "descer a menstruação") e abortivas, também classificadas como impróprias para mulheres grávidas; plantas contraceptivas; plantas permitidas para mulheres grávidas, que geralmente são as mesmas que podem ser ministradas via oral aos bebês e crianças pequenas; plantas para problemas de saúde infantil; plantas para o tratamento de problemas geniturinários como infecções, cólicas menstruais, miomas e problemas nos ovários; plantas para a saúde das mamas; plantas para tratamento de sintomas da menopausa; plantas para sintomas indesejáveis na gravidez; plantas galactogogas; plantas para o trabalho de parto e para o puerpério, entre outros subgrupos. Essas plantas estão relacionadas na tabela 1.

Plantas ritualísticas

A pesquisa identificou 24 espécies utilizadas para evitar e tratar desordens espirituais que também manifestam sintomas físicos. Localmente são denominadas "ervas de santo", "ervas para banhos", "erva de proteção" e/ou "erva de religião". O cultivo, os banhos, os benzimentos, as defumações e a confecção de amuletos (patuás) e vassouras com determinadas ervas são práticas correntes na busca de proteção e limpeza espiritual. A **espada-de-são-jorge** (*Sansevieria trifasciata* Prain) e a **comigo-ninguém-pode** (*Dieffenbachia seguine* (Jacq.) Schott) são exemplos de plantas abundantemente cultivadas com esses fins e que estão entre as plantas com maior concordância dos usos medicinais citados (CUPc), conforme destacado na tabela 1. Essas espécies, assim como outras citadas no estudo, são utilizadas em rituais povos e comunidades de matriz africana em todo o Brasil. Detalhes sobre seu emprego ritualístico e religioso podem ser verificadas em Camargo (1988), Carrión (2009), Alves *et al.* (2019), Pagnocca *et al.* (2020), Barboza *et al.* (2021) e Ferreira *et al.* (2021).

Embora este estudo não objetive caracterizar o uso ritualístico e medicinal das plantas relacionados aos povos de matriz africana, pode-se afirmar que essas espécies são reconhecidas e manejadas por seu valor sagrado, ritual e medicinal em cultos e práticas de matriz africana da Umbanda, Nação (Batuque) e Quimbanda presentes no território do Morro da Cruz. Por isso, crescem ou são cultivadas em diversos ambientes como os quintais das casas, matas e campos nativos, terrenos baldios, cercas e beiradas das ruas e dos cursos d'água. A difusão das plantas e saberes associados na comunidade favorece um engajamento cotidiano que compõe a dimensão sagrada do território comunitário e revela um ambiente de aprendizado e prática intercultural mediado pelas cosmovisões de matriz africana, mesmo que poucas/os interlocutoras/es autodeclarem ser praticantes destas manifestações ou compoendo a categoria povos matriz africana.

Em se tratando de plantas associadas à práticas religiosas, cabe relatar o caso da **marcela** (*Achyrocline satureioides* (Lam.) DC.), uma das espécies com maior valor de importância relativa deste estudo e cuja a colheita é realizada tradicionalmente no feriado católico da sexta-feira santa, antes do amanhecer, quando a planta expressa o máximo de suas propriedades medicinais e sagradas. Todos os anos, nesse dia, o Morro da Cruz é palco de uma procissão que encena a crucificação de Jesus Cristo, atraindo milhares de pessoas.

Diversidade e Concordância de Usos

O maior número de indicações de uso refere-se ao sistema digestivo, seguido do aparelho respiratório, sistema sanguíneo e imunitário, aparelho geniturinário, para lesões na pele, sistema endócrino e problemas relacionados ao metabolismo e nutrição. A predominância de uso de plantas para o sistema digestivo e aparelho respiratório também foi verificada em outros levantamentos etnobotânicos como em Kubo (1997) e Vendruscolo (2004), realizados no estado do Rio Grande do Sul e Amorozo (2002) e Pinto *et al.* (2006) e realizados no Mato Grosso e na Bahia, respectivamente. Segundo profissionais da saúde, são frequentes os problemas relacionados ao sistema digestivo durante o verão e problemas relacionados ao sistema respiratório durante o inverno. A presença de domicílios sem acesso à rede pública de abastecimento de água e de tratamento do esgoto impõe uma situação de precariedade que intensifica a incidência problemas de saúde na comunidade, sendo necessária a melhoria da infraestrutura urbana básica.

Ainda que muitas indicações terapêuticas citadas pelos interlocutores encontrem correspondência em tratamentos de sintomas e doenças associadas a sistemas biológicos específicos, percepções locais revelam que o emprego das plantas segue uma concepção integral do corpo e da doença. Infecções, dores de cabeça, inflamações, febres,

intoxicações e hemorragias, por exemplo, podem comprometer diferentes sistemas e estar associados a diferentes causas. Quatorze espécies, dentre elas o **angico** (*Parapiptadenia rigida* (Benth.) Brenan), **marcela** (*Achyrocline satureioides* (Lam.) DC.), **cipó-mil-homens** (*Aristolochia triangularis* Cham.), **tansagem** (*Plantago cf. australis* Lam.), **ipê-roxo** (*Handroanthus heptaphyllus* (Vell.) Mattos) e **tajujá** (*Cayaponia martiana* (Cogn.) Cogn.) podem ser empregadas “para tudo”, o que significa que são utilizadas para tratamento de variados problemas de saúde, inclusive em tratamentos preventivos de doenças. Cabe destacar, ainda, que a maioria das plantas citadas possui diversas aplicações e constantemente são combinadas entre si em receitas. Dessa forma, entende-se que a experimentação coletiva e tradicional seleciona tanto os efeitos específicos como os efeitos sinérgicos desejáveis e atingidos com o uso combinado de plantas.

O índice utilizado para calcular a importância relativa das espécies e elaborado de acordo com número de entrevistados que as citaram e a concordância dos usos medicinais citados (CUPc) define um conjunto de espécies importantes pra comunidade. As 16 espécies com o maior CUPc são: **pitanga** (*Eugenia uniflora* Linn.), **boldão** (*Plectranthus barbatus* Andrews), **poejo** (*Cunila microcephala* Benth.), **goiaba** (*Psidium guajava* L.), **quebra-pedras-rasteiro** (*Euphorbia prostrata* Aiton), **camomila**, (*Matricaria recutita* L.), **guaco** (*Mikania laevigata* Sch. Bip. ex Baker), **marcela** (*Achyrocline satureioides* (Lam.) DC.), **espada-de-são-jorge** (*Sansevieria trifasciata* Prain), **babosa** (*Aloe arborescens* Mill.), **vergamota** (*Citrus reticulata* Blanco), **funcho** (*Foeniculum vulgare* Mill.), **tansagem** (*Plantago cf. australis* Lam.), **comigo-ninguém-pode** (*Dieffenbachia picta* Schott) e **malva** (*Malva parviflora* L.). Os valores de importância obtidos para estas espécies são maiores que 45 e seus respectivos usos constam na tabela 1. Estes dados concordam com outros estudos realizados no sul do Brasil (Kubo 1997, Vendruscolo 2004).

Discussão sobre os fatores que influenciam a produção do conhecimento etnobotânico no meio urbano

O estudo identificou uma alta diversidade de espécies que se origina e cresce em diferentes ambientes. Os resultados podem ser associados àqueles encontrados em comunidades rurais da Mata Atlântica baiana onde a maioria das plantas são colhidas e cultivadas em ambientes manejados (Voeks 1996). O autor destaca a relevância dos ambientes manejados para as farmacopeias tropicais e argumenta que a dinamicidade das relações entre humanos e plantas corresponde às transformações nas estratégias de subsistência, nos processos ecológicos e nas doenças em diferentes contextos. No caso deste estudo, a diversidade botânica (táxons e origens das plantas) relaciona-se à diversidade sociocultural da comunidade, refletindo um processo de intercâmbios botânico-culturais histórico e gerador de vínculos com o território. Nesse processo, é importante reconhecer a relevância das espécies nativas, as quais correspondem a mais de 50% das plantas citadas.

Da mesma forma, os resultados relacionam-se à evidências que consideram processos migratórios e imigratórios em direção às áreas urbanas como catalisadores da produção de saberes etnobotânicos importantes para os processos de territorialização desses grupos, questionando a narrativa da “perda de conhecimentos”. Vandebroek e Balick (2012) constataram que imigrantes dominicanos residentes em Nova Iorque citaram com maior frequência o uso de plantas medicinais e alimentícias do que seus conterrâneos habitantes de áreas urbana e rural de seu país de origem, dado que se mostrou independentemente da idade dos informantes. Um estudo similar, feito entre vietnamitas urbanos vivendo no Vietnã e no Havaí, constatou que os imigrantes relataram mais usos alimentícios para plantas do que seus demais conterrâneos (Nguyen 2003). Hurrell *et al.* (2015) demonstram a contribuição de imigrantes bolivianos e chineses na incorporação do consumo de plantas medicinais típicas de suas culturas comercializadas em Buenos Aires, o que aumentou a diversidade biocultural local. Emperaire e Eloy (2008) constataram a habilidade de coletividades indígenas em recriar suas práticas agrícolas em ambientes periurbanos da Amazônia, onde conseguem manter uma elevada diversidade agrícola e atrelar a produção à estratégias de luta pela terra.

Além disso, pode-se argumentar que a concentração demográfica pode exercer um papel catalisador dos intercâmbios culturais. Quando ambientes naturais e práticas agrícolas são conservados, apesar do aumento populacional e das transformações espaciais, o conhecimento etnobotânico pode encontrar condições para reinventar-se atendendo às demandas emergentes e às novas vicissitudes históricas. Nesse ponto, cabe considerar que a autonomia em relação aos tratamentos em saúde proporcionados pelas plantas medicinais é estratégica para a viabilização econômica de famílias de baixa renda habitantes de muitas comunidades urbanas. Além disso, estimular o aprendizado dos mais jovens, para além do espaço doméstico, envolvendo e fomentando organizações comunitárias e escolas, é fundamental para a continuidade das práticas em medicina tradicional. Por fim, cabe ressaltar que os/as especialistas interlocutores do estudo conhecem e utilizam um vasto repertório de plantas medicinais para o tratamento de seus pacientes, familiares e vizinhos. Esses saberes integram práticas religiosas e espirituais, além de dialogarem com conhecimentos científicos. A valorização do conhecimento etnobotânico

passa, portanto, por compreender e legitimizar essas práticas que são inclusivas e se inovam a partir do contato com diferentes sistemas e conhecimentos médicos.

Conclusões

Os resultados do estudo afirmam que comunidades urbanas, como a do Morro da Cruz, podem reconhecer e utilizar uma diversidade importante de espécies para tratar e prevenir diversos sintomas e condições. As categorizações locais das plantas e dos usos refletem a construção de uma territorialidade e pertencimento e os desafios enfrentados no meio urbano para a manutenção da saúde. A saúde, por sua vez, é concebida de um ponto de vista integral, reconhecendo a interdependência entre bem-estar físico, emocional e espiritual.

Embora o aprendizado sobre plantas esteja bastante associado ao ambiente familiar e à transmissão vertical do conhecimento, outras formas e espaços de aprendizado podem ser melhor estudados e incentivados. Os grupos de mulheres, associação comunitária, comunidades religiosas e as relações de parentesco e vizinhança constituem espaços de socialização e produção de conhecimento que articulam estratégias de cuidado a serem consideradas em estudos futuros atentos à formação de redes terapêuticas em que o SUS constitui uma entre tantas opções de atendimento em saúde. O papel das mídias, da literatura e dos conhecimentos científicos também pode ser explorado. Nesse aspecto, cabe considerar que os intercâmbios entre conhecimentos tradicionais e científicos parecem ocorrer mais por iniciativa popular do que por interesse de instituições da medicina moderna.

A narrativa que pressupõe a inexorável “perda de conhecimento” tradicional nas cidades não favorece a compreensão das dinâmicas de produção do saber etnobotânico em contextos urbanos multiculturais e diversos do ponto de vista ambiental e paisagístico, como é o caso do Morro da Cruz. Cabe, portanto, reconhecer a dinamicidade e capacidade de adaptação do conhecimento tradicional, bem como, a diversidade territorial do meio urbano. Isso implica considerar que o conhecimento popular sobre plantas possivelmente não se distribua de forma homogênea nas diferentes comunidades e bairros de uma mesma cidade, hipótese que poderia ser testada em novos estudos. Apesar disso, conflitos históricos entre medicina tradicional e moderna, cada vez mais acessível no meio urbano, e o persistente higienismo das políticas de ocupação urbana contribuíram para a deslegitimação e apagamento de práticas tradicionais, como o ofício das parteiras e dos erveiros. Nesse sentido, políticas públicas para a proteção dos ofícios e conhecimentos tradicionais nas cidades devem ser construídas junto à sociedade, tendo como público parceiro prioritário as mulheres, as/os especialistas e os jovens, devido seu importante papel na produção e transmissão desses saberes.

Da mesma forma, essas políticas públicas devem envolver ações de conservação dos remanescentes de vegetação nativa, da biodiversidade e o estímulo à agricultura urbana, fundamentais para a vitalidade das medicinas tradicionais e dos vínculos com o território. O papel desses espaços na oferta de plantas foi demonstrado pela importância da coleta e do cultivo como formas de obtenção as “ervas de chá”.

A etnobotânica em ambientes urbanos constitui ferramenta estratégica para a soberania popular e promoção da saúde. Ao reconhecer as categorizações, percepções e dinâmicas locais de produção do saber, esta tem o potencial de apoiar movimentos de resistência coletiva em favor da proteção ambiental e cultural nos quais o diálogo entre saberes tradicionais e científicos ganha expressão central. Nesse sentido, a abordagem da intermedialidade apresenta relevantes contribuições para o desenvolvimento da ciência etnobotânica, especialmente em estudos conduzidos em áreas urbanas.

Declarações

Lista de abreviaturas: não aplicável

Aprovação ética e consentimento para participar: Este estudo foi avaliado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CEP/UFRGS – nº 2007958). Todos os participantes forneceram consentimento prévio informado antes das entrevistas.

Consentimento para publicação: Não aplicável.

Disponibilidade de dados e materiais: Os dados estão disponíveis com a primeira autora.

Conflito de interesse: As autoras declaram não ter conflitos de interesse.

Financiamento: A pesquisa não recebeu financiamento específico de agências de fomento.

Contribuições dos autores: Alana Casagrande: coletou, organizou e analisou os dados, identificou as espécies e redigiu a versão original. Mara Rejane Ritter: Ordenou e analisou os dados, identificou as espécies e revisou o manuscrito. Rumi Kubo: analisou os dados, identificou as espécies e revisou o manuscrito. Todas as autoras leram e aprovaram o manuscrito final.

Agradecimentos

Agradecimentos: Agradecemos a fundamental contribuição dos/as especialistas em plantas medicinais: Maria Edviges Marros, João Ferreira, Maria Jaceli da Silveira Sutil e Mário de Souza Rocha, bem como das/os demais entrevistadas/os. Agradecemos a Cláudia Lulkin e aos profissionais da unidade básica de saúde, especialmente Cláudia Mattia, pela ajuda na pesquisa de campo, Kota Mulanji (Regina Nogueira) pelas dicas relacionadas às manifestações culturais de matriz africana, Larissa Foppa pela produção do mapa e Virginia Talbot pela revisão da tradução para o inglês.

Literatura citada

- Alexiades MN. 1996. Selected Guidelines for Ethnobotanical Research: a field manual. The New York Botanical Garden, New York, EUA.
- Almada ED. 2011. Urban socio-biodiversity: ethnoecology of cities. *Bioremediation, Biodiversity and Bioavailability* 5:1-8.
- Alves KCH, Povh JA, Portuguese AP. 2019. Etnobotânica de plantas ritualísticas na prática religiosa de matriz africana no município de Ituiutaba, Minas Gerais. *Ethnoscintia-Brazilian Journal of Ethnobiology and Ethnoecology* 4(1):1-10.
- Amorozo MCM. 2002. Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antonio do Leverger, Mato Grosso. *Acta Botanica Brasílica*. São Paulo 16(2):17-26.
- Amorozo MCM. 2004. Pluralistic medical settings and medicinal plant use in rural communities, Mato Grosso, Brazil. *Journal of Ethnobiology* 24(1):139-161.
- Amorozo MCM, Gély AL. 1988. Uso de plantas medicinais por caboclos do baixo Amazonas, Barcarena, PA, Brasil. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Série Botânica* 4(1):47-131.
- Attuch, IM. 2010. Os Rumos da Intercientificidade: a saber de dona Flor e o saber de profissionais da saúde no Cerrado. In: Little PE. (eds). *Conhecimentos Tradicionais para o Século XXI: etnografias da intercientificidade*. Annablume, São Paulo, Brasil, Pp. 111-145.
- Ávila JVC, Zank S, Valadares KMO, Maragno JM, Hanazaki N. 2015. The traditional knowledge of quilombola about plants: Does urbanization matter? *Ethnobotany Research and Applications* 14:453-462.
- Barboza MSL. 2021. "Sem as plantas a religião não existiria": simbologia e virtualidade das plantas nas práticas de cura em comunidades tradicionais de terreiros amazônicos (Santarém, PA). *Nova Revista Amazônica*, 9(3):147-165.
- CAMP (Centro de Assessoria Multiprofissional). 1993. *Morro da Cruz lugar bom de se morar: memória popular*. CAMP, Porto Alegre, Brasil.
- Camargo MTLA. 1988. *Plantas medicinais e de rituais afro-brasileiros I*. Almed, São Paulo, Brasil.
- Carrión, RS. 2009. *Plantas usadas en los rituales afro-religiosos de la comunidad el Morro da Cruz*, (Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil). Proyecto de fin de carrera de biología Universidad Autónoma de Madrid.
- Casagrande A, Kubo, RR, Ritter MR. 2013. "Gosto muito do mato, o mato faz bem para a nossa saúde": universos terapêuticos e plantas medicinais no Morro da Cruz, Porto Alegre, Rio Grande do Sul. *Contribuições para a etnobotânica em ambiência urbana*. *Cadernos de Agroecologia* 8(2):1-6.
- Cavalli-Sforza LL, Feldman MW, Chen KH, Dornbusch SM. 1982. Theory and observation in cultural transmission. *Science* 218(4567):19-27.
- Carneiro da Cunha M. 2009. Relações e dissensões entre saberes tradicionais e saber científico. In: Carneiro da Cunha M. (eds). *Cultura com aspas e outros ensaios*. Cosac & Naify, São Paulo, Brazil, Pp. 301-310.
- Da Costa FV, Guimarães, MFM, Messias, MCTB. 2021. Gender differences in traditional knowledge of useful plants in a Brazilian community. *PloS one* 16(7):1-16.
- Da Silva CF, Zank S. 2022. Between tradition and modernity: the relationship among healers and medicinal plants in an urban center in southern Brazil. *Ethnobotany Research and Applications* 23:1-12.
- Elisabetsky E, Wannmacher L. 1993. The status of Ethnopharmacology in Brazil. *Journal of Ethnopharmacology* 38:137-143.
- Emperaire L. 2001. Elementos de discussão sobre a conservação da agrobiodiversidade: o exemplo da mandioca (*Manihot esculenta* Crantz) na Amazônia brasileira. In: Capobianco JP. (ed). *Biodiversidade da Amazônia brasileira, avaliação e ações prioritárias para a conservação, uso sustentável e repartição dos benefícios*, ISA/Estação Liberdade, São Paulo, Brazil, Pp. 225-234.

- Emperaire L, Eloy L. 2008. A cidade, um foco de diversidade agrícola no Rio Negro (Amazonas, Brasil)? Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi: Ciências Humanas 3(2):195-211.
- Escobar A. 1999. El fin del salvaje: Naturaleza, cultura y política en la antropología contemporánea. CEREC-ICAN, Santafé de Bogotá, Colombia.
- Ferreira MEA, Elias GA, Assunção VK, Citadini-Zanette V. 2021. Plantas medicinais utilizadas em rituais de umbanda: estudo de caso no sul do Brasil. *Ethnoscintia-Brazilian Journal of Ethnobiology and Ethnoecology* 6(3):1-14.
- Flora e Funga do Brasil. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/> (Accessed 25/02/2023).
- Follér M. 2004. Intermedialidade: a zona de contato criada por povos indígenas e profissionais de saúde. In: Langdon EJ, Garnelo L. (eds). *Saúde dos Povos Indígenas: reflexões sobre antropologia participativa*. ContraCapa/ABA, Rio de Janeiro, Brazil, Pp.129-147.
- Fonseca C. 2004. Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares. Editora da Universidade, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brazil.
- Garlet TMB. 2000. Levantamento das plantas medicinais utilizadas no município de Cruz Alta, RS, Brasil. PhD dissertation, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Greene S. 1998. The shaman's needle: development, shamanic agency, and intermediality in Aguaruna Lands, Peru. *American Ethnologist*, 25(4):634-658.
- Helman CG. 2003. Tratamento e cura: alternativas de assistência à saúde. In: HELMAN CG. *Cultura, saúde e doença*. ArtMed, Porto Alegre, Brazil, Pp 70- 408.
- Jorge N. 1973. Malocas. Diagnóstico evolutivo das subabitações no município de Porto Alegre, RS. PMPA/DEM HAB, Porto Alegre, Brazil.
- Kubo RR. 1997. Levantamento das Plantas de Uso Medicinal em Coronel Bicaco, RS. PhD dissertation, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Leal OF. 1992. Benzedoras e bruxas: sexo, gênero e sistema de cura tradicional. *Cadernos de Antropologia* 5(70):7-22.
- Loyola MA. 1984. Médicos e curandeiros: conflito social e saúde. DIFEL, São Paulo, Brazil.
- Marques FC, Benvegnú VC, Erice AS, De Carli AP. 2015. As mulheres e as plantas medicinais: reflexões sobre o papel do cuidado e suas implicações. *Revista Retratos de Assentamentos* 18(1):155-182.
- McAlvay AC, Armstrong CG, Baker J, Elk LB, Bosco S, Hanazaki N, Leigh J, Martínez-Cruz TE, Nesbitt M, Palmer MA, de Almeida WCP, Anderson J, Asfaw Z, Borokini IT, Cano-Contreras EJ, Hoyte S, Hudson M, Ladio AH, Odonne G, Peter S, Rashford J, Wall J, Wloverton S, Vandebroek I. 2021. Ethnobiology Phase VI: Decolonizing Institutions, Projects, and Scholarship. *Journal of Ethnobiology* 41(2):170-191.
- Meneghetti I. 1952. Relatório apresentado pela Câmara Municipal. Arquivo Histórico de Porto Alegre, Porto Alegre, Brazil.
- Meneses MG. 2005. "Quando não há problema, estamos de boa saúde, sem azar nem nada": para uma concepção emancipatória da saúde e das medicinas. In: Sousa Santos B. (ed). *Semear outras soluções: os caminhos da biodiversidade e dos conhecimentos rivais*. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, Brazil, Pp. 425- 467.
- Nguyen MLT. 2003. Comparison of food plant knowledge between urban Vietnamese living in Vietnam and in Hawai'i. *Economic Botany* 57(4):472-480.
- OBSERVAPOA. Porto Alegre em análise: sistema de gestão e análise de indicadores: Bairro São José. 2021. http://portoalegreemanalise.procempa.com.br/?regiao=91_8_0 (Accessed 27/12/2021).
- Pagnocca TS, Zank S, Hanazaki N. 2020. "The plants have axé": investigating the use of plants in Afro-Brazilian religions of Santa Catarina Island. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine* 16(1):1-13.
- Piccinini GC. 2008. Plantas medicinais utilizadas por comunidades assistidas pelo Programa Saúde da Família, em Porto Alegre: subsídios à introdução da fitoterapia em atenção primária em saúde. PhD dissertation, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Pinto EPP, Amorozo MCM, Furlan A. 2006. Conhecimento popular sobre plantas medicinais em comunidades rurais de mata atlântica-Itacaré, BA, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, 20(4):751-762.
- Posey DA. 1987. Introdução-Etnobiologia: teoria e prática. In: Ribeiro B. (ed). *SUMA Etnológica Brasileira*. (Etnobiologia). FINEP/Vozes, Petrópolis, Brazil, Pp.15-25.
- Quintana A M. 1998. A Ciência da Benzedura. De mau-olhado, rezas e simpatias. PhD dissertation , Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

- Soejarto DD. 1996. Biodiversity prospecting and benefit sharing: perspectives from the field. *Journal of Ethnopharmacology* 51:1-15.
- Soldati GT, Albuquerque UP. 2012. Ethnobotany in Intermedical Spaces: The Case of the Fulni-ô Indians (Northeastern Brazil). *Evidence-Based Complementary and Alternative Medicine*, 1-13.
- Sousa Santos B. 2010. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: Sousa Santos B, Menezes MP. (eds). *Epistemologias do Sul*. Cortez, São Paulo, Brazil, Pp. 31-83.
- THE ANGIOSPERM PHYLOGENY GROUP. 2016. An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants: APG IV. *Botanical Journal of the Linnean Society*, 181:1-20.
- WFO (2023): World Flora Online. <http://www.worldfloraonline.org> (Accessed 25/02/2023).
- Tropicos.org. Missouri Botanical Garden. <https://tropicos.org> (Accessed 16/02/2021).
- Vandebroek I, Balick MJ. 2012. Globalization and Loss of Plant Knowledge: Challenging the Paradigm. *Plos One* 7(5):1-6.
- Vendruscolo GS. 2004. Estudo Etnobotânico das Plantas Utilizadas como Medicinais por Moradores do Bairro Ponta Grossa, Porto Alegre, Rio Grande Do Sul. PhD dissertation, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Voeks RA. 1996. Tropical forest healers and habitat preference. *Economic Botany* 50(4):381-400.
- Voeks RA. 2004. Disturbance pharmacopoeias: medicine and myth from the humid tropics. *Annals of the Association of American Geographers* 94(4):868-888.
- Weber BT. 1999. *As artes de curar: medicina, religião, magia e positivismo na República Rio-Grandense-1889-1928*. Editora da UFSM, Santa Maria; EDUSC, Bauru, Brazil.
- Xaba T. 2005. Prática médica marginalizada: a marginalização e transformação das medicinas indígenas na África do Sul. In: Sousa Santos B. (ed). *Semear outras soluções: os caminhos da biodiversidade e dos conhecimentos rivais*. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, Brazil, Pp. 378-421.
- Zank S, Hanazaki N. 2017. The coexistence of traditional medicine and biomedicine: a study with local health experts in two Brazilian regions. *PloS one* 12(4):1-17.